

**FRANCISCO TOPA**

**POESIA DISPERSA E INÉDITA**

**DO SETECENTISTA MANUEL INÁCIO DE SOUSA**

**Edição do Autor**

**Porto — 1998**



Para a Teresa

Para João Dionísio,  
Jorge Osório  
e Vânia Chaves



## ÍNDICE

Advertência .....	9
Apresentação .....	11
Siglas e abreviaturas utilizadas .....	13
<b>I. Introdução à vida e obra de Manuel Inácio de Sousa .....</b>	<b>15</b>
<b>II. Inventário testemunhal dos poemas de Manuel Inácio de Sousa .....</b>	<b>25</b>
<b>A. Poemas de autoria segura .....</b>	<b>27</b>
1. Poemas publicados em vida do autor .....	27
2. Poemas publicados postumamente .....	29
3. Poemas inéditos .....	31
<b>B. Poemas com fortes probabilidades de pertencerem a Manuel Inácio de Sousa .....</b>	<b>34</b>
<b>C. Poemas com poucas probabilidades de pertencerem a Manuel Inácio de Sousa .....</b>	<b>38</b>
<b>D. Poemas erradamente atribuídos .....</b>	<b>39</b>
<b>III. Normas de transcrição dos poemas e critérios da edição .....</b>	<b>43</b>
1. Opções de base .....	45

2. Normas de transcrição dos poemas .....	46
3. Apresentação do texto crítico e do aparato .....	50
<b>IV. Edição crítica .....</b>	<b>53</b>
<b>A. Poemas de autoria segura .....</b>	<b>55</b>
<b>1. Poemas publicados em vida do autor .....</b>	<b>57</b>
1. Égloga <i>Que fresco sítio e sombra dileitosa</i> .....	59
2. Elegia <i>Perdoa, sombra ilustre, se o sossego</i> .....	64
<b>2. Poemas publicados postumamente .....</b>	<b>71</b>
3. e 4. Poema em quadras heptassilábicas <i>O tempo tudo arrebatou</i> e Soneto <i>Risonha nasce a aurora neste dia</i> .....	73
5. Ode <i>Enquanto pelos campos estendidos</i> .....	76
6. Soneto <i>Eu vejo, Nise, em teus olhos formosos</i> .....	82
7. Soneto <i>Vem ver-me, amado bem, neste retiro</i> .....	84
<b>3. Poemas inéditos .....</b>	<b>87</b>
8. Ode <i>Descansemos, Anarda, neste sítio</i> .....	89
9. Ode <i>A descarnada morte</i> .....	91
10. Ode <i>Quem, Lídia, de teu rosto afugentou</i> .....	94
11. Canção <i>Do meu lado te aparta, Amor feroz</i> .....	97
12. Idílio <i>Pelas húmidas praias deste Rio</i> .....	101
13. Elegia <i>Coberto de tristeza, o Tejo brando</i> .....	105
14. Soneto <i>Nas margens duma fonte que corria</i> .....	108
15. Soneto <i>Que venturosos são esses Pastores</i> .....	109
16. Soneto <i>No fundo desta selva tenebrosa</i> .....	110
17. Madrigal <i>Ontem, quando a manhã vinha rompendo</i> .....	111

<b>B. Poemas com fortes probabilidades de pertencerem a Manuel Inácio de Sousa</b>	
.....	113
18. Égloga <i>À porta da cabana se sentava</i> .....	115
19. Égloga <i>Manso rebanho meu, que bem guardado</i> .....	121
20. Ode <i>Morreu o forte Heitor, acabou Tróia</i> .....	127
21. Idílio <i>Voai, ternos suspiros</i> .....	131
22. Soneto <i>Que fantasmas, que espectros horrorosos</i> .....	135
23. Soneto <i>Sobre as asas o Tempo equilibrado</i> .....	137
<b>C. Poemas com poucas probabilidades de pertencerem a Manuel Inácio de Sousa</b>	
.....	139
24. Soneto <i>O semblante risonho e engraçado</i> .....	141
<b>V. Bibliografia</b> .....	143



## ADVERTÊNCIA

Este livro resulta da reformulação, relativamente acentuada, de um outro que tínhamos publicado em 1998, sob o título *Edição Crítica da Obra do Poeta Setecentista Manuel Inácio de Sousa 'Faialense'* (Porto, Edição do Autor).

No espaço de tempo entretanto decorrido, tivemos oportunidade de encontrar novos testemunhos para alguns dos poemas, o que nos levou a introduzir modificações na edição de tais textos e, num dos casos, a perspectivar de forma diferente a questão da autoria. Daí resultou também uma diferente ordenação das composições. Por outro lado, aproveitando o trabalho que temos vindo a desenvolver no domínio da crítica textual aplicada a este período, revimos as normas de transcrição e aperfeiçoámos a anotação dos poemas editados.

Por tudo isto, o produto final acaba por ser um tanto diferente da publicação de há três anos, o que justificou a mudança de título.



## APRESENTAÇÃO

Este trabalho sobre o poeta faialense Manuel Inácio de Sousa (1739-1802) vem na sequência das pesquisas que, desde 1993, temos vindo a desenvolver sobre poetas brasileiros dos séculos XVII e XVIII, e que nos têm permitido fazer algumas incursões no domínio da poesia setecentista portuguesa.

O nosso primeiro contacto com o poeta da Horta ocorreu em 1994, num trabalho académico sobre o seu contemporâneo brasileiro Silva Alvarenga (Topa, 1994). Voltaríamos a falar dele num artigo publicado em 1995 (Topa, 1995) e, três anos depois, num volume novamente consagrado ao autor de *Glaura* (Topa, 1998). Aproveitando os materiais que fomos recolhendo ao longo deste período, pareceu-nos agora oportuno elaborar uma proposta de edição crítica da obra poética de Manuel Inácio de Sousa.

O volume abre com uma breve introdução à vida e à obra do autor, seguindo-se um inventário testemunhal dos seus poemas. Conforme o leitor terá oportunidade de verificar, até ao momento estavam publicados 12 poemas de Sousa, embora nem todos em seu nome e nem todos fornecendo garantias de autoria segura. Graças às nossas pesquisas, esse número subiu para 24 composições, ainda que algumas delas continuem a colocar dúvidas de atribuição. De qualquer modo, fica assim desmentida a ideia de que estamos perante um poeta ocasional. No capítulo seguinte, apresentamos de forma esquemática as normas que

seguimos na transcrição dos poemas e expomos o modelo e os critérios da nossa proposta de edição crítica. Esta ocupará o capítulo IV, que surgirá dividido nas três secções que considerámos: A. Poemas de autoria segura (repartidos por três agrupamentos: 1. Poemas publicados em vida do autor; 2. Poemas publicados postumamente; 3. Poemas inéditos); B. Poemas com fortes probabilidades de pertencerem a Manuel Inácio de Sousa; C. Poemas com poucas probabilidades de serem da sua autoria. Encerrando o volume, virá a bibliografia.

Esperamos que um trabalho despretenso como este possa estimular outros investigadores a interessarem-se pelos nossos poetas do Arcadismo, injustamente desprezados, tanto no plano editorial quanto no domínio da crítica e da historiografia literárias.

## SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

A Arcadia Lusitana – *A Arcadia Lusitana*, de Teófilo Braga (1899)

an. – anónimo

Antologia de Poesia Açoriana – *Antologia de Poesia Açoriana (Do século XVIII a 1975)*, de Pedro da Silveira (1977)

BA – Biblioteca da Ajuda

BADE – Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora

BGUC – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

BM – Biblioteca Mindlin (biblioteca particular de São Paulo)

BNL – Biblioteca Nacional de Lisboa

BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto

Cod. – Códice (Série de manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa)

Collecção de Obras Poeticas – *Collecção de Obras Poeticas dos Melhores Authores* (I, 1789)

Collecção de Poesias Ineditas – *Collecção de Poesias Ineditas dos Melhores Authores Portuguezes* (II, 1810)

Composições Poeticas – *Composições Poeticas do Doctor Joseph Anastasio da Cunha* (1839)

f. – fólho

FM – Fundo Manizola (série de manuscritos da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora)

Jornal Encyclopedico – *Jornal Encyclopedico dedicado á Rainha Nossa Senhora* (Maio de 1789 e Fevereiro de 1790)

Jornal Poetico – *Jornal Poetico, ou Collecção das melhores composições*, de Desidério Marques Leão (1812)

Ms. – Manuscrito

p. – página

TT – Torre do Tombo

*Um soneto inédito* – *Um soneto inédito do poeta Manuel Inácio de Sousa*, de Pedro da Silveira (1984)

**I. INTRODUÇÃO À VIDA E OBRA DE**  
**MANUEL INÁCIO DE SOUSA**



1. Embora pouco pormenorizadas, as informações disponíveis sobre a vida de Manuel Inácio de Sousa permitem-nos formar uma ideia razoavelmente nítida das coordenadas em que decorreu a existência do poeta.

Inocêncio Francisco da Silva, na sucinta nota que lhe dedica (1862: VI, 7), diz apenas que era «Doutor pela Universidade de Coimbra, provavelmente em alguma das Faculdades de Direito, o que todavia não hei podido averiguar. Foi natural da ilha do Faial, e parece que vivia ainda pelos fins do século XVIII». O esclarecimento dos principais aspectos biográficos do poeta faialense viria a ser feito em 1881, num artigo de António Lourenço da Silveira Macedo publicado n' *O Gremio Litterario* e depois glosado pelos poucos autores que voltaram ao tema, designadamente Ernesto Rebello (1887) e Pedro da Silveira (1977). Também nós tomaremos como ponto de partida o trabalho de Macedo, acrescentando contudo alguns elementos novos resultantes de pesquisas efectuadas no Arquivo da Universidade de Coimbra e na Torre do Tombo.

De acordo com o articulista do *Gremio Litterario*, Manuel Inácio de Sousa nasceu na Horta, a 20 de Dezembro de 1739, sendo filho de Domingos de Sousa e Silva, rico proprietário e negociante, e de Bárbara da Trindade. Pela consulta do seu processo de habilitação para os lugares de letras (TT – *Índice da Leitura de Bacharéis*, ano de 1766, maço 41, n.º 12), pudemos apurar que o seu pai e os seus avós paternos eram naturais da Graciosa, ao passo que a sua mãe e os seus avós maternos tinham nascido no Faial. Diz-se também no processo que o habilitando era «limpo de sangue, sem fama ou humor em contrário e livre de toda a mecânica por se tratarem seus pais e avós (...) da nobreza». Ainda no que respeita à sua vida

familiar, acrescenta António Macedo que o nosso poeta teve dois irmãos: António, o primogénito, e João, que tomaria ordens sacras.

Através de pesquisas efectuadas no Arquivo da Universidade de Coimbra, conseguimos reconstituir o percurso escolar do autor. Manuel Inácio de Sousa matriculou-se em *Instituta* no ano lectivo de 1760/61, vindo a alcançar o grau de Bacharel em Cânones a 25 de Maio de 1764, com a classificação de *Nemine discrepante*. Faria depois exame de Suficiência a 4 de Julho de 1766, de Repetição a 17, e Privado a 23, atingindo o grau de Licenciado, também com a informação de *Nemine discrepante*.

Não nos foi possível apurar a data do seu regresso ao Faial, mas é de supor que tenha ocorrido pouco depois da conclusão dos seus estudos universitários. De acordo com António Macedo, a volta de Manuel Inácio de Sousa aos Açores teria sido seguida do seu casamento com a sobrinha Luísa Francisca de Sousa Sarmiento, filha do seu irmão António. Sobre este assunto, dispomos de uma pequena informação adicional. Localizámos na TT (*Desembargo do Paço – Corte, Estremadura e Ilhas*, maço 31, n.º 29) um processo datado de 1770 em que o Licenciado solicita – com êxito – a tutoria da sua sobrinha Luísa, que, sendo já órfã de mãe, acabara de perder o pai. Este elemento leva-nos a crer que o casamento do poeta deve ter ocorrido um pouco mais tarde do que aquilo que sugere o seu biógrafo. Do enlace matrimonial resultaram, segundo Macedo, sete filhos: João José, António Manuel, Estácio Manuel, Manuel Inácio, Francisca Cordélia, Ana e Bárbara.

Ainda de acordo com o articulista que vimos seguindo, Inácio de Sousa terá exercido alguns cargos públicos, designadamente o de Vereador da Câmara Municipal e o de Provedor dos Bens dos Defuntos e Ausentes. A propósito da sua atenção à coisa pública, acrescenta Pedro da Silveira: «O interesse esclarecido com que pugnava pelo progresso da sua ilha é atestado por, entre outros documentos,

uma memória sobre portos, que se encontra em Lisboa, no Arquivo Histórico Ultramarino (Açores, maço 19)» (Silveira, 1977: 50).

Mas a sua vida profissional não terá ficado por aqui. Fazendo fé nas afirmações de Macedo, Manuel Inácio montou, com o seu irmão João, uma importante casa comercial, voltada sobretudo para a exportação de vinhos, da qual se retiraria anos mais tarde, instalando-se num imponente palacete no sítio do Pilar.

O poeta viria a falecer em 1802, de acordo com António Macedo, ou no ano anterior, segundo Pedro da Silveira, que não justifica contudo a diferente proposta.

2. A inventariação da obra do vate faialense estava até agora numa fase muito incipiente.

Inocêncio Francisco da Silva, o primeiro bibliógrafo a fazer referência ao nosso poeta, indica apenas os dois textos que sabia terem sido publicados. O primeiro, uma tradução do inglês apresentada numa edição bilingue, não nos parece que ofereça garantias mínimas de pertencer a Manuel Inácio de Sousa: *Relação da Conversão do R. Senhor João Thayer*, Lisboa, Offic. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1808. Como também nota Inocêncio, o nome do tradutor não vem indicado. Esta circunstância, aliada ao facto de Sousa ter falecido em 1802, torna pouco crível que a tradução seja da sua responsabilidade. O outro texto arrolado pelo autor do *Diccionario Bibliographico* é a elegia *Perdoa, sombra illustre, se o sossego* (peça 2 da nossa edição), publicada em 1790 no *Jornal Encyclopedico* e atribuída ao «Doutor Manoel Ignacio de Souza Fayalense».

Duas décadas depois, em 1887, Ernesto Rebello noticiou os três poemas publicados em 1881 n' *O Gremio Litterario*. Mais modernamente, em 1977 e 1984, Pedro da Silveira editaria dois sonetos inéditos. Estavam assim publicados, em nome de Manuel Inácio de Sousa, 6 poemas: 3 sonetos, 1 elegia, 1 ode e 1 poema em quadras heptassilábicas.

Ficava contudo a ideia de que o trabalho de inventariação e reunião da obra poética do faialense estava ainda longe de se encontrar concluído, tanto mais que Inocêncio declarara: «Consta que deixára ineditas muitas poesias, entre elas algumas *Odes* rubricadas com o seu nome, de que eu conservo copias em um livro manuscrito de letra contemporanea». E de facto, apesar de o bibliógrafo não nos ter dado a relação dessas poemas, tivemos oportunidade de confirmar – pelo menos em parte – essa afirmação.

Em pesquisas realizadas nos últimos anos em diversas bibliotecas portuguesas e estrangeiras, descobrimos um total de 12 poemas inéditos de Manuel Inácio de Sousa (10 de autoria segura e 2 com fortes probabilidades de lhe pertencerem): 4 odes, 3 sonetos, 1 canção, 1 égloga, 1 elegia, 1 idílio e 1 madrigal. Identificámos também 6 outras composições impressas mas até agora não incluídas no acervo do nosso autor: 1 égloga de autoria segura; 2 sonetos, 1 égloga e 1 idílio com fortes probabilidades de lhe pertencerem; e 1 soneto com poucas hipóteses de ter sido escrito por ele. Inventariámos ainda 2 sonetos que lhe foram erradamente atribuídos, dado que já estavam publicados em nome de outros poetas contemporâneos. Além disso, descobrimos novos testemunhos para vários dos textos já publicados.

Somando os poemas impressos com os inéditos, e incluindo aqueles que apresentam fortes possibilidades de serem do nosso autor, chegamos assim a um total de 23 composições, distribuídas do seguinte modo: 8 sonetos, 5 odes, 3 églogas, 2 elegias, 2 idílios, 1 canção, 1 madrigal e 1 poema em quadras heptassilábicas.

**3.** Passando agora a uma tentativa de caracterização mínima da obra do nosso poeta, devemos começar por notar que ela exhibe – como se pôde ver pela relação atrás apresentada – uma grande variedade de formas poéticas, algumas particularmente características do período arcádico. Ainda do ponto de vista

formal, deve ser sublinhado o acervo de recursos técnicos demonstrado por Manuel Inácio de Sousa. No domínio da métrica, embora use preferencialmente o decassílabo, também lança mão do seu quebrado, o hexassílabo, e chega a experimentar com mestria o tradicional redondilho maior. Algo de semelhante se verifica quanto às formas estróficas e aos modelos rítmicos: o poeta faialense tanto apresenta composições de estrofação irregular como recorre ao terceto, à quadra ou à sextilha; e, embora use quase sempre o verso rimado, com diferentes esquemas, não enjeita o verso branco, bem característico da época.

Outro aspecto que importa sublinhar de início tem a ver com o facto de a poesia de circunstância ou celebratória ter uma presença muito diminuta na obra do autor, contrariamente à ideia que se poderia formar a partir dos poucos textos que eram conhecidos até ao momento. Na verdade, apenas três composições se enquadram nesta categoria: a elegia à morte de D. José, Príncipe da Beira e do Brasil (peça 2); uma canção aos anos de uma senhora (peça 11); um poema em quadras heptassilábicas e um soneto, dedicados também a um aniversário (peças 3 e 4).

A parte mais significativa da poesia do nosso autor surge dominada pelo tema do lirismo amoroso. Dirigindo-se a Márcia, Anarda, Tirse, Zélia ou Nise, é sobretudo o sofrimento, provocado pela inconstância ou pelo desprezo da amada, que o poeta exprime. O recurso à convenção pastoril é frequente, surgindo esta esporadicamente associada a elementos mitológicos, que não chegam contudo – ao contrário do que muitas vezes se verifica na poesia do período – a sobrecarregar o texto. A representação da natureza é com frequência moldada ao estado de espírito do sujeito, que disso mesmo se mostra consciente: «Escura me parece a luz do dia,/ A noite clara, o campo negro e feio» (ode *Enquanto pelos campos estendidos*, peça 5, vv. 39-40). Não surpreende assim a referência à «triste solidão destes retiros», dominados pelas «penhas» e pelos «duros rochedos».

Há momentos em que o poeta é particularmente feliz na utilização da linguagem pastoril. É o caso da égloga *Manso rebanho meu, que bem guardado* (peça 19), em que o sujeito toma o gado como seu interlocutor, comparando a situação dos animais sem pastor com a do pastor que perdeu a sua pastora. É o caso também dos momentos em que o autor se serve de uma imagem colhida na natureza para ilustrar um acontecimento ou um sentimento, como ocorre na seguinte passagem da elegia *Coberto de tristeza, o Tejo brando* (peça 13), a propósito da morte de Umbrino:

Assim dos Pátrios ninhos mal tecidos  
Os implumes pombinhos são roubados  
De indómitos Falcões embravecidos;  
Assim a tenra flor dos verdes prados  
Antes de aberta cai amortecida,  
Do bravo vento aos sopros congelados (vv. 10-15).

Outras vezes ainda, a mestria do poeta traduz-se na concisão que imprime à narração de uma cena amorosa, como se vê no madrigal *Ontem, quando a manhã vinha rompendo* (peça 17).

Mas o talento poético de Manuel Inácio de Sousa contempla uma faceta diferente. Em lugar dos «rosados lábios», do «terno peito», dos «lindos olhos», a amada surge também representada de modo fortemente disfémico, numa versão satírica do *carpe diem* com sabor a vingança. Veja-se a ode *Quem, Lídia, de teu rosto afugentou* (peça 10):

Descarnadas as faces e amarelas,  
Sórdida a testa, crespa e descomposta,  
Os olhos encovados,  
Denegridos os beiços;

O Leão mais feroz, que nas montanhas  
Atemoriza as feras destemidas,  
Medroso fugira  
De teu aspecto enorme. (vv. 5-12)

De resto a capacidade satírica de Manuel Inácio de Sousa é atestada pelos sonetos 22 e 23, que, defendendo o seu amigo Domingos dos Reis Quita, atacam com certa violência outro poeta contemporâneo, Caetano Francisco Xavier Zuniga.

Concluindo, resta-nos esperar que a obra de Manuel Inácio de Sousa receba a partir desta edição alguma atenção da crítica especializada e que o poeta escape assim ao fatídico esquecimento a que quase todos os seus contemporâneos têm estado votados.



## **II. INVENTÁRIO TESTEMUNHAL DOS POEMAS**

**DE MANUEL INÁCIO DE SOUSA**



Chamamos a atenção do leitor para o facto de a indicação dos testemunhos manuscritos ser feita através das siglas arroladas no início do volume. Em primeiro lugar, será apontada a biblioteca a que o testemunho pertence; em seguida virá indicado o número do manuscrito ou códice e depois as páginas ou fólhos em que o poema ocorre. No final, caso o texto não seja atribuído a Manuel Inácio de Sousa, virá entre parênteses o nome do autor proposto ou a indicação de que se trata de uma composição anónima.

## **A. Poemas de autoria segura**

### **1. Poemas publicados em vida do autor**

#### 1. Égloga *Que fresco sítio e sombra diletosa*

Testemunho impresso

– *Collecção de Obras Poeticas dos Melhores Authores*, tomo I, Porto, Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1789, pp. 222-224 (an.)

Testemunhos manuscritos

– BNL, Cod. 8608<sup>1</sup>, f. 114r-114v

– BPMP, Ms. 1129<sup>2</sup>, pp. 245-247 («Manoel Ignacio de Souza Alvarenga»)

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma miscelânea que abarca poemas da segunda metade do século XVIII.

Apesar de ter saído anónimo, este texto – até agora desconhecido – foi o primeiro poema de Manuel Inácio de Sousa a ser publicado. A indicação de autoria que consta do segundo dos testemunhos manuscritos coloca no entanto alguns problemas, na medida em que *cruza* os nomes de dois poetas contemporâneos: Manuel Inácio de Sousa e o brasileiro Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814). O mesmo ocorre com outros três poemas deste inventário, os de n.<sup>os</sup> 18-20, transmitidos apenas por esse manuscrito: as églogas *À porta da cabana se sentava* e *Manso rebanho meu, que bem guardado*, e a ode *Morreu o forte Heitor, acabou Tróia*.

À partida, ambos os poetas teriam iguais possibilidades de serem considerados os autores dos textos em causa. Acontece porém que, no caso concreto da égloga em discussão, há um testemunho manuscrito adicional que confirma a atribuição a Manuel Inácio de Sousa. Perante este elemento, e partindo do princípio de que os quatro poemas estão em idênticas circunstâncias, pensamos que o autor mais provável é de facto Sousa. Outro dado que reforça esta hipótese tem a ver com o facto de o brasileiro Silva Alvarenga – autor de uma obra consideravelmente mais vasta – não ter escrito nenhuma égloga. Apesar disso, o caso não deve ser considerado definitivamente encerrado, até porque é possível que no futuro venham a ser descobertos novos testemunhos. Além disso, uma análise estilística aprofundada poderá também trazer pistas importantes para o debate da questão.

Adoptando uma postura prudente, decidimos colocar na secção B – a dos poemas com fortes probabilidades de pertencerem a Manuel Inácio de Sousa – os outros três poemas referidos.

---

<sup>2</sup> Cancioneiro que recolhe textos de autores da segunda metade do século XVIII.

## 2. Elegia *Perdoa, sombra ilustre, se o sossego*

Testemunhos impressos

– *Jornal Encyclopedico dedicado á Rainha Nossa Senhora, e destinado para instrucção geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes*, Fevereiro de 1790, Lisboa, Officina de Antonio Gomes, pp. 199-202

– Desidério Marques Leão – *Jornal Poetico, ou Collecção das melhores composições, em todo o genero, dos mais insignes poetas portuguezes, tanto impressas como ineditas, offerecidas aos amantes da nação*, Lisboa, Impressão Regia, 1812, pp. 16-19

A elegia é dedicada à morte de D. José, Príncipe da Beira e do Brasil, «no dia de suas Exéquias, celebradas na Ilha de Faial», o que significa que a data da sua composição deve ser situada em Setembro de 1788.

Conforme teremos oportunidade de assinalar no momento em que editarmos o poema, a 2.<sup>a</sup> edição, póstuma – e até ao momento desconhecida – apresenta algumas divergências significativas face à do *Jornal Encyclopedico*.

## 2. Poemas publicados postumamente

3. e 4. Poema em quadras heptassilábicas *O tempo tudo arrebatá* e soneto *Risonha nasce a aurora neste dia*

Testemunho impresso

– *O Gremio Litterario*. Publicação quinzenal do Gremio Litterario Fayalense, 2.<sup>o</sup> ano, vol. II, n.º 28, Horta, 15 de Agosto de 1881, p. 28

Trata-se de um poema de circunstância, dedicado «Aos anos da Excelentíssima Senhora D. Ana Arriaga», personagem que não tivemos oportunidade de identificar.

#### 5. Ode *Enquanto pelos campos estendidos*

Testemunhos impressos

– *O Gremio Litterario*. Publicação quinzenal do Gremio Litterario Fayalense, 2.º ano, vol. II, n.º 33, Horta, 1 de Novembro de 1881, pp. 70-71

– Pedro da Silveira – *Antologia de Poesia Açoriana (Do século XVIII a 1975)*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1977, pp. 51-55

A edição de Pedro da Silveira, conquanto parta da primeira, comete alguns lapsos, conforme teremos oportunidade de assinalar no momento respectivo.

#### 6. Soneto *Eu vejo, Nise, em teus olhos formosos*

Testemunho impresso

– Pedro da Silveira – *Antologia de Poesia Açoriana (Do século XVIII a 1975)*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1977, p. 51

Testemunhos manuscritos

– BNL, Cod. 8610<sup>3</sup>, p. 350

– BNL, Cod. 8603<sup>4</sup>, p. 605 (an.)

---

<sup>3</sup> O códice apresenta o seguinte título: «Collecção/ de/ Sonetos,/ que se não achão/ impresos, extra=/ hidos dos ms./ antigos, e/ moder/ nos/ 1786».

O segundo testemunho manuscrito inventariado era até ao momento desconhecido.

7. Soneto *Vem ver-me, amado bem, neste retiro*

Testemunho impresso

– Pedro da Silveira – *Um soneto inédito do poeta Manuel Inácio de Sousa*, in «Boletim Informativo da Casa dos Açores», ano IV, 2.<sup>a</sup> série, n.º 19, Lisboa, Março/ Abril de 1984, p. 14

Testemunhos manuscritos

– BNL, Cod. 8610, p. 347

– BNL, Cod. 8603, p. 603 (an.)

Também neste caso, o segundo testemunho manuscrito inventariado era até agora desconhecido.

### **3. Poemas inéditos**

8. Ode *Descansemos, Anarda, neste sítio*

Testemunho manuscrito

– BPMP, Ms. 1189<sup>5</sup>, f. 92r-93r

---

<sup>4</sup> Trata-se de uma miscelânea poética que recolhe matéria da segunda metade do século XVIII.

<sup>5</sup> O códice apresenta o seguinte título: «Obras/ De/ Francisco Manuel/ E do Dezembargador/ Antonio Diniz da Cruz e Silva,/ Odes/ Coimbra./ 1800». Apesar disso, inclui poemas de diversos outros autores.

9. Ode *A descarnada morte*

Testemunho manuscrito

– BPMP, Ms. 1189, f. 93r-93v

10. Ode *Quem, Lídia, de teu rosto afugentou*

Testemunho manuscrito

– BPMP, Ms. 1189, f. 93v-95r

11. Canção *Do meu lado te aparta, Amor feroz*

Testemunho manuscrito

– BPMP, Ms. 1189, f. 98r-99r

12. Idílio *Pelas húmidas praias deste Rio*

Testemunho manuscrito

– BNL, Cod. 11491<sup>6</sup>, pp. 256-262

Dentre os poucos poemas de Manuel Inácio de Sousa que é possível datar, mesmo que apenas de forma aproximada, este é o mais antigo, dado que vem incluído num códice elaborado em 1773.

---

<sup>6</sup> Trata-se de um cancionero que apresenta o seguinte título: «Obras Poeticas/ Recopiladas do Entusiasmo/ de/ Varios Engenhos modernos./ Lisboa/ =1773=».

13. Elegia *Coberto de tristeza, o Tejo brando*

Testemunho manuscrito

– BNL, Cod. 8608, f. 119r-119v e 114r (cont.)

14. Soneto *Nas margens duma fonte que corria*

Testemunhos manuscritos

– BNL, Cod. 8610, p. 349

– BNL, Cod. 8603, p. 606 (an.)

15. Soneto *Que venturosos são esses Pastores*

Testemunhos manuscritos

– BNL, Cod. 8610, p. 351

– BNL, Cod. 8603, p. 604 (an.)

16. Soneto *No fundo desta selva tenebrosa*

Testemunho manuscrito

– BM, Ms. intitulado «Flores do Parnazo»<sup>7</sup>, V, [p. 31]

---

<sup>7</sup> O título completo deste códice, que recolhe poemas de autores da segunda metade do século XVIII, é: «Flores do/ Parnazo/ ou/ Collecção/ de/ Obras Poeticas/ de/ Differentes Auctores/ Junctas pelo cuidado/ de/ J... N... S... M...». Na lombada vem a indicação «Vol. V».

17. Madrigal *Ontem, quando a manhã vinha rompendo*

Testemunho manuscrito

– BGUC, Ms. 1521<sup>8</sup>, f. 165v

**B. Poemas com fortes probabilidades de pertencerem a Manuel Inácio de Sousa**

18. Égloga *À porta da cabana se sentava*

Testemunho manuscrito

– BPMP, Ms. 1129, pp. 236-240 («Manoel Ignacio de Souza Alvarenga»)

19. Égloga *Manso rebanho meu, que bem guardado*

Testemunho impresso

– *Collecção de Obras Poeticas dos Melhores Authores*, tomo I, Porto, Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1789, pp. 266-269 (an.)

Testemunho manuscrito

– BPMP, Ms. 1129, pp. 248-251 («Manoel Ignacio de Souza Alvarenga»)

---

<sup>8</sup> Trata-se de uma miscelânea poética que reúne composições da segunda metade do século XVIII.

20. Ode *Morreu o forte Heitor, acabou Tróia*

Testemunho manuscrito

– BPMP, Ms. 1129, pp. 251-253 («Manoel Ignacio de Souza Alvarenga»)

21. Idílio *Voai, ternos suspiros*

Testemunhos impressos

– *Jornal Encyclopedico dedicado á Rainha Nossa Senhora e destinado para instrucção geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes*, Maio de 1789, Lisboa, Officina dos Herdeiros de Domingos Gonçalves, 1789, pp. 249-250 (an.)

– *Collecção de Poesias Ineditas dos Melhores Authores Portuguezes*, tomo II, Lisboa, Nova Officina de João Rodrigues Neves, 1810, pp. 166-168 (an.)

– *Composições Poeticas do Doctor Joseph Anastasio da Cunha. Colligidas pela primeira vez, e seguidas da Voz da Razão, das Epistolas de Heloise e Abailard, etc., etc.*, Lisboa, Typographia Carvalhense, 1839, pp. 32-34 (J. Anastácio da Cunha)

– *Hernâni Cidade – A Obra Poética do Dr. José Anastácio da Cunha, com um estudo sobre o anglo-germanismo nos proto-românticos portugueses*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930, pp. 147-148 (J. Anastácio da Cunha)

Testemunho manuscrito

– BADE, FM, Ms. 424<sup>9</sup>, f. 44r-45r

---

<sup>9</sup> Miscelânea poética que reúne matéria da segunda metade do século XVIII.

Nas suas duas primeiras impressões, o poema saiu sem indicação de autoria. Mais tarde, em 1839, viria a ser incluído na edição da obra de José Anastácio da Cunha preparada por Inocêncio Francisco da Silva, que contudo não fornece nenhuma informação sobre a tradição autoral do idílio. Também Hernâni Cidade ignoraria a questão, limitando-se a transcrever a versão publicada pelo autor do *Diccionario Bibliographico*. Perante isto, cremos que deve ser valorizada a indicação de autoria favorável a Manuel Inácio de Sousa constante do manuscrito que tivemos oportunidade de descobrir. Na verdade, e dado que Inocêncio não justifica a sua posição, é este o único testemunho que aponta com autoridade para um autor determinado.

## 22. Soneto *Que fantasmas, que espectros horrorosos*

### Testemunho impresso

– Teófilo Braga – *A Arcadia Lusitana – Garção, Quita, Figueiredo, Diniz*, Porto, Livraria Chardron, 1899, pp. 507-508 (Manuel Inácio «da Silva Alvarenga?»)

### Testemunho manuscrito

– BA, Ms. 49-I-58 – n.º 19v («D.<sup>f</sup> Manoel Ign.<sup>o</sup>»)

As indicações de autoria constantes de ambos os testemunhos não são totalmente explícitas, deixando margem para interpretações discrepantes, um pouco à semelhança do que acontece com os poemas n.ºs 1 e 18-20 deste inventário.

Teófilo Braga, na obra em causa, inclina-se – embora de forma dubitativa – para o brasileiro Manuel Inácio da Silva Alvarenga. Nas pp. 352-353, começa por referir-se a «alguns sonetos» produzidos com a intenção de defender Domingos dos Reis Quita das sátiras de Caetano Francisco Xavier Zuniga, dando-os como de

Manuel Inácio (*da Silva Alvarenga?*, interroga-se o próprio ensaísta). Mais à frente, nas pp. 507-508, transcreve de uma coleção manuscrita de versos – de que não dá pormenores – três sonetos, repetindo a dúvida quanto ao apelido do autor. Trata-se do poema que estamos a discutir e dos que mencionaremos no ponto seguinte e no ponto 26 do inventário.

Logo à partida, a atribuição deveria ser encarada com muitas reservas, tanto mais que o ensaísta, na mesma obra, na p. 227, tinha dado – erradamente – o também brasileiro Inácio José de Alvarenga como participante na última sessão da Arcádia Lusitana, justamente a defender Quita das sátiras de Zuniga. Parece portanto haver confusão entre os dois Alvarengas.

Por outro lado, um dos sonetos – *Dormindo vi a cândida Poesia* (n.º 26 da nossa relação) – não era um inédito e tinha como autor o próprio Quita. Teófilo Braga acabaria aliás por reparar o seu erro: em 1918, na *Recapitulação da Historia da Literatura Portuguesa – IV. Os Arcades*<sup>10</sup>, volta a falar nos três sonetos alegadamente da autoria de Silva Alvarenga, transcrevendo dois deles, mas – numa discreta nota apresentada na p. 271 – informa que um já estava publicado na edição de 1781 das obras de Reis Quita.

Perante isto, a hipótese de a autoria caber a Silva Alvarenga fica definitivamente arredada, até porque as relações do poeta mineiro com Quita não parecem ter sido as melhores. Cremos, aliás, que a identificação do autor dos dois sonetos em causa é relativamente óbvia: o *Manuel Inácio* que constaria do manuscrito utilizado por Braga (eventualmente o mesmo que nós descobrimos) é, com toda a certeza, Manuel Inácio de Sousa. A razão da nossa afirmação prende-se com as relações de amizade que este autor manteve com Quita, como é comprovado pela referência que este lhe faz no seu idílio IV, justamente intitulado

---

<sup>10</sup> Porto, Chardron, 1918, pp. 269-271.

*Amizade*<sup>11</sup>: «Tu, Sousa do Faial, a quem as Musas/ As correntes franqueão do Parnaso» (vv. 56-57).

23. Soneto *Sobre as asas o Tempo equilibrado*

Testemunho impresso

– Teófilo Braga – *A Arcadia Lusitana – Garção, Quita, Figueiredo, Diniz*, Porto, Livraria Chardron, 1899, p. 508 (Manuel Inácio «da Silva Alvarenga?»)

**C. Poemas com poucas probabilidades de pertencerem a Manuel Inácio de Sousa**

24. Soneto *O semblante risonho e engraçado*

Testemunho impresso

– *Collecção de Poesias Ineditas dos Melhores Authores Portuguezes*, tomo II, Lisboa, Nova Officina de João Rodrigues Neves, 1810, p. 12 (an.)

Testemunhos manuscritos

– BNL, Cod. 8603, p. 602

– BPMP, Ms. 1129, p. 31

– BA, Ms. 50-III-48<sup>12</sup>, f. 2r (an.)

---

<sup>11</sup> *Obras de Domingos dos Reis Quita, chamado entre os da Arcadia Lusitana Alcino Micenio*, segunda edição correcta, e augmentada com as Obras Postumas, e Vida do Author; tomo II, Lisboa, Typografia Rollandiana, 1781, pp. 14-16.

- BADE, FM, Ms. 424, f. 27v (Sales)
- BNL, Cod. 8610, p. 17 (Francisco de Sales)

Dos seis testemunhos arrolados, dois atribuem o soneto a Manuel Inácio de Sousa, dois a Francisco de Sales<sup>13</sup>, ao passo que em dois outros ele vem sem indicação de autoria. Nestas condições, julgamos demasiado arriscado propor uma solução, embora pensemos que deva ser atribuído um crédito especial ao códice 8610 da BNL, na medida em que – tendo sido elaborado em 1786 – é o mais antigo dos testemunhos expressamente datados. Além disso, temos ainda a indicação de J.J.C. Pereira e Sousa referida por Inocêncio Francisco da Silva (1870: IX, 373), que vai no mesmo sentido.

#### **D. Poemas erradamente atribuídos**

##### *25. Ode Oh, mil vezes feliz o que encerrado*

Testemunho impresso

- Correia Garção – *Obras Poeticas*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1778, pp. 394-396 (Correia Garção)

Testemunho manuscrito

- BPMP, Ms. 1129, pp. 233-235 («Manoel Ignacio de Souza Alvarenga»)

Na indicação autoral constante do testemunho manuscrito está presente o problema que tivemos oportunidade de debater a propósito do poema 1 deste

---

<sup>12</sup> Miscelânea poética que abarca composições da segunda metade do século XVIII.

<sup>13</sup> Professor régio de Retórica e Poética, de origem brasileira, que viveu entre 1735 e 1800 ou 1801, tendo sido membro da Arcádia Lusitana, com o pseudónimo de Tíro Parteniense. Para a sua obra, ver a nossa edição: *Poesia Dispersa e Inédita do Setecentista Brasileiro Francisco José de Sales*, Porto, Edição do Autor, 2001.

inventário: uma espécie de *cruzamento* entre os nomes de Manuel Inácio de Sousa e Manuel Inácio da Silva Alvarenga. Neste caso, porém, o problema não chega a sê-lo verdadeiramente, dado que a ode está, desde 1788, publicada em nome de Correia Garção. E a atribuição seria mantida nas edições seguintes: Rio de Janeiro, Impressão Regia, 1812; Lisboa, Impressão Regia, 1825; Roma, Typographia dos Irmãos Centenari, 1888; Lisboa, Sá da Costa, 1957-1958. No entanto, é sabido que a *editio princeps* – de que todas as outras partiram, embora de modos diferentes – foi publicada seis anos depois da morte do poeta. Assim, e apesar de ter sido organizada pelo seu irmão, João António Correia Garção, e ter sido baseada numa colecção manuscrita copiada pelo cónego Manuel de Figueiredo ainda em vida do autor, trata-se de uma edição que deixa alguma margem para dúvidas deste tipo. De qualquer forma, pensamos que o testemunho manuscrito – até por se tratar de uma miscelânea, ainda por cima não datada – não dispõe de autoridade suficiente para impugnar a atribuição do texto a Correia Garção.

#### 26. Soneto *Dormindo vi a cândida Poesia*

Testemunhos impressos

– *Obras de Domingos dos Reis Quita, chamado entre os da Arcadia Lusitana Alcino Micenio*, segunda edição correcta, e augmentada com as Obras Postumas, e Vida do Author; tomo I, Lisboa, Typografia Rollandiana, 1781, p. 284 (soneto LXXV) (Reis Quita)

– Teófilo Braga – *A Arcadia Lusitana – Garção, Quita, Figueiredo, Diniz*, Porto, Livraria Chardron, 1899, p. 507 (Manuel Inácio «da Silva Alvarenga?»)

Testemunho manuscrito

– BA, Ms. 49-I-58 – n.º 19r («D.<sup>o</sup> Manoel Ign.<sup>o</sup>»)

Conforme tivemos oportunidade de explicar no ponto 22 do inventário, este soneto não apresenta a mínima hipótese de pertencer ao poeta açoriano, na medida em que já constava da edição de 1781 das obras de Reis Quita. Aliás, como também já dissemos, o próprio Teófilo Braga corrigiria o seu erro em volume posterior.



### **III. NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DOS POEMAS**

#### **E CRITÉRIOS DA EDIÇÃO**



## 1. Opções de base

Como se viu no capítulo anterior, a tradição dos poemas de Manuel Inácio de Sousa, não sendo muito complexa, também não é uniforme. Cada texto apresenta um leque testemunhal diferente, havendo variações significativas no número e no tipo de testemunhos. Há poemas veiculados por um único testemunho, mas a maior parte é transmitida por vários (num máximo de seis, entre impressos e manuscritos).

Esta circunstância leva a que cada poema tenha de ser encarado como um caso individualizado. Relativamente àqueles que são transmitidos por vários testemunhos divergentes, resolvemos seguir a versão que, em confronto com as restantes, nos pareceu a melhor pelo facto de oferecer uma lição idónea e coerente para o texto em causa. Nesse processo, optámos por editar da forma mais próxima possível o testemunho escolhido como versão base, evitando a introdução de emendas, para que o produto final não fosse uma construção híbrida, resultante do contributo de testemunhos diversos. Apesar disso, não nos furtámos à responsabilidade de, em casos muito pontuais – todos devidamente assinalados e justificados – efectuar algumas correcções, quase sempre relacionadas com lapsos gramaticais ou com questões de pontuação.

O desejo de nos mantermos fiéis ao testemunho que em cada caso elegemos como versão base levou-nos também a evitar a normalização dos traços susceptíveis de terem repercussões fonéticas ou sobre outros aspectos da arte poética das composições.

## 2. Normas de transcrição dos textos

Como é sabido, a ortografia desta época – sensivelmente o último quartel do século XVIII – ainda não é uniforme. As oscilações são numerosas, sobretudo ao nível do vocalismo, pelo que nem sempre é fácil perceber se se trata de meras variantes gráficas.

Assim, e de acordo com as opções de base expostas no ponto anterior, actualizámos apenas os traços gráficos que não colocam dúvidas, procurando oferecer um texto crítico uno e fidedigno também do ponto de vista linguístico.

Vejamos então as normas de transcrição que adoptámos:

### I. Vogais

1. Normalizámos de acordo com o uso moderno a representação da vogal oral fechada posterior em posição átona, grafando *instrumento* e *descobrir* em vez de *instromento* e *descubrir*;
2. Normalizámos as grafias alternantes das vogais nasais: seguidas de *m* ou *n* antes de consoante; seguidas de *m* em final de vocábulo; com til antes de vogal *e*, em palavras como *manhã*, em final de palavra;
3. Relativamente à forma feminina do artigo indefinido, os testemunhos manuscritos oscilam entre a sua representação em hiato – *(h)ũa* – e a grafia com a consoante nasal bilabial. É sabido contudo que o desenvolvimento da consoante em causa terá ocorrido nos finais do século XVI, ainda que a grafia moderna tenha tardado a generalizar-se. Optámos assim pela grafia actual dessa forma;
4. Substituímos o *y* por *i*, em palavras como *lyra*, e por *e* em formas com ditongo nasal, como *mãy*;

5. Normalizámos a representação dos ditongos nasais, de acordo com a norma actual: vogal seguida de *e* (e, mais raramente, de *i*) ou de *o*, com til sobre a primeira, ou vogal seguida de *m* ou *n*. Assim, *tam*, *soão* ou *regioens* passaram a *tão*, *soam* e *regiões*;

6. Modernizámos a grafia dos ditongos orais, representando com *i* e *u* as semivogais. São frequentes nos testemunhos as grafias que acusam vestígios do hiato, mas, de acordo com os dados da história da língua, ele já estaria resolvido desde, pelo menos, o início do século XVI. Assim: *taes* > *tais*; as formas de 2.<sup>a</sup> pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos da 1.<sup>a</sup> conjugação (como *amaes*) > *amais*; *idea* > *ideia*; *deosa* > *deusa*; as formas de 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do perfeito do indicativo dos verbos da 2.<sup>a</sup> conjugação (como *gemo*) > *gemu*; as formas de 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo de verbos da 3.<sup>a</sup> conjugação do tipo de *destruir* (como *destróe*) > *destrói*; as formas de 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do perfeito do indicativo dos verbos da 3.<sup>a</sup> conjugação (como *vio*) > *viu*;

7. Relativamente aos ditongos orais crescentes, em regra pouco estáveis, optámos também por representar a semivogal através de *u* (*ágoa* > *água*), à excepção dos casos em que a grafia actual conservou o *o*, como acontece em *mágoa*;

8. Na medida em que correspondem a realizações alternantes, conservámos certas formas arcaicas ou populares de grafia dupla, designadamente as oscilações entre *e* e *i*, como em *enternecer* / *internecer*; entre *i* e *e*, como em *dizer* / *dezer*; entre *oi* e *ou*, como em *foice* / *fouce*. Adoptámos idêntica atitude perante casos um pouco diferentes, resultantes da ortografia de tendência fonética característica do Ms. 1129 da BPMP: mantivemos formas como *baxo*, *roixo* ou *munto*;

## II. Consoantes

9. Dado tratar-se de um mero diacrítico sem valor fonético, regularizámos o emprego do *h* de acordo com a norma actual. Eliminámo-lo, designadamente em posição inicial (como nas formas do verso *ser*), em posição intervocálica (como em

*cahir*) e nos chamados dígrafos helenizantes, como *th* (*throno*); introduzimo-lo em casos como *oje*;

10. Por não serem reflexo da pronúncia, simplificámos formas ortográficas latinizantes, como as consoantes dobradas, exceptuando *r* e *s* em posição intervocálica e com valor, respectivamente, de vibrante múltipla e sibilante surda. Assim, por exemplo, *secco* > *seco*; *efeito* > *feito*; *aquelle* > *aquele*; *immutável* > *imutável*; *anno* > *ano*; *apparente* > *aparente*;

11. Por se tratar também de um mero latinismo gráfico que nunca chegou a reflectir-se na pronúncia do português, eliminámos o *s* do grupo inicial *sc-*, passando *sceptro* a *ceptro*;

12. Pelos mesmos motivos, simplificámos de acordo com a norma moderna grupos em posição medial como *-ct-* (*fructo* > *fruto*); *-gm-* (*augmentar* > *aumentar*); *-mn-* (*somno* > *sono*). Mantivemo-los em todos os casos previstos no uso actual, respeitando contudo, em grupos como *-bm-* e *-sc-*, oscilações do tipo *sumergido* / *submergido* e *decer* / *descer*;

13. Representámos as oclusivas velares segundo o uso moderno, passando assim *charo* a *caro*;

14. Regularizámos também a representação das fricativas. Assim:

- a fricativa labiodental sonora virá transcrita como *f*, o que implica a substituição do dígrafo helenizante *ph* em palavras como *Zephiro*;
- as fricativas alveolares virão grafadas segundo as normas actuais, pelo que *descançar* ou *suavisar* passarão a *descansar* e *suavizar*;
- a fricativa palatal surda será representada como *ch*, *s*, *x* ou *z*, segundo o uso moderno, pelo que *enxer*, *debaixo* ou *raís* passarão a *encher*, *debaixo* e *raiz*;
- a fricativa palatal sonora virá transcrita como *g* ou *j*, de acordo com as regras de hoje, pelo que *magestade* passará a *majestade*;

15. Conservámos certas formas arcaicas ou populares de grafia dupla, na medida em que parecem corresponder a realizações alternantes. É o caso das ocorrências metatáticas do grupo consoante + *r*, como em *pertender*;

### III. Aspectos morfológicos

16. Separámos e unimos as palavras de acordo com o uso moderno, escrevendo, por exemplo, *enquanto* em lugar de *em quanto* (conj.);

17. Desenvolvemos as abreviaturas, aliás pouco frequentes e de fácil resolução;

18. Distinguimos, de acordo com a grafia actual, as interjeições *ó* e *oh*, reservando a primeira para uma função de invocação e a segunda para enunciados que traduzem espanto, alegria ou desejo;

19. Conservámos arcaísmos morfológicos do tipo de *vareia* (3.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo de *variar*);

20. Respeitámos todas as formas que evidenciam processos de redução silábica, como a forma de 3.<sup>a</sup> pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *ver* (*vêm*);

### IV. Diacríticos

21. Regularizámos o uso dos acentos;

22. Recorremos ao trema para indicar determinados casos de diérese obrigatória, imposta pela métrica do verso em palavras em que habitualmente está um ditongo;

23. Eliminámos o apóstrofo em contracções do tipo de *n'este*, mas usámo-lo para indicar certos casos de elisão vocálica;

24. Introduzimos o hífen para separar os pronomes enclíticos e mesoclíticos;

### V. Maiúsculas e pontuação

25. Evitámos introduzir modificações no que respeita ao uso da maiúscula, pelo que – atendendo também ao seu provável valor expressivo – preferimos mantê-la mesmo nos casos que se afastam do uso actual. Apesar disso, tentámos contrariar a

diversidade de práticas nos testemunhos, generalizando o uso da maiúscula no início de cada verso;

26. Cientes de que a pontuação intervém na configuração rítmica e entonacional do verso e tem reflexos sobre a sintaxe e a semântica, procurámos intervir o mínimo possível neste aspecto. Apesar disso, não renunciámos à tentativa de estabelecer algum compromisso entre aquilo que os testemunhos revelam ser os hábitos da época e as normas actualmente em vigor. Assim, nos frequentes casos em que os dois pontos desempenham uma função hoje atribuída ao ponto e vírgula, substituímos aquele sinal por este. Por outro lado, suprimimos a vírgula antes das conjunções *e*, *ou*, *nem* e *que*, à excepção dos casos previstos na norma actual e ainda nos momentos em que um critério melódico parece impor esse sinal de pontuação. As outras poucas modificações que nos sentimos obrigados a fazer – tanto de supressão quanto de adição – virão devidamente anotadas nos casos em que têm reflexo sobre o sentido do texto. Refira-se ainda que, nas passagens em que o discurso directo não vinha assinalado nos testemunhos que tomámos por base, introduzimos as correspondentes aspas.

### **3. Apresentação do texto crítico e do aparato**

As composições de Manuel Inácio de Sousa surgirão agrupadas em várias divisões. Na primeira grande secção, virão os poemas de autoria segura, repartidos por três conjuntos menores: 1. Poemas publicados em vida do autor; 2. Poemas publicados postumamente; 3. Poemas inéditos. Nos dois primeiros agrupamentos, a ordenação dos textos será feita de acordo com a data de publicação. Os poemas inéditos serão ordenados em conformidade com a sua disposição nos testemunhos manuscritos. Seguidamente virão as composições com fortes probabilidades de pertencerem a Manuel Inácio de Sousa e, por fim, o único soneto com fracas

hipóteses de ser da sua autoria. A ordenação destes dois conjuntos obedecerá aos critérios já referidos.

A edição de cada composição terá quatro partes:

1. Um número de ordem, contínuo.
2. A relação dos testemunhos que transmitem o poema, apresentada em corpo menor e dividida de acordo com os dois tipos que considerámos: impressos e manuscritos. A sua citação é feita de acordo com o sistema de siglas e de abreviaturas já apresentado. Dado que há quase sempre divergências significativas entre os testemunhos, estes receberão como siglas identificativas letras maiúsculas impressas em itálico. Esta tarefa de atribuição de siglas será feita poema a poema. As versões muito próximas receberão como sigla a mesma letra, que será seguida contudo de um número individualizador, colocado abaixo da linha. Reservaremos sempre o *A* para designar o testemunho que escolhermos como base. A atribuição das restantes letras do alfabeto será feita em função do grau de proximidade dos outros testemunhos perante *A*.
3. Seguir-se-á, em corpo maior, o texto crítico, com os seus dois momentos: a legenda, caso exista, e o poema propriamente dito, com os versos numerados à esquerda de 5 em 5. As emendas que tivermos efectuado virão, sempre que possível, assinaladas já no próprio corpo do poema: para as supressões usaremos as chavetas e para as adições os colchetes.
4. Virá depois, ao fundo da página, separado por uma linha e em corpo menor, o aparato crítico. Tivemos duas preocupações centrais na sua organização: por um lado, fornecer ao leitor todos os elementos em que nos apoiámos, de forma a que ele pudesse julgar o nosso trabalho e, eventualmente, fazer opções diferentes das nossas; por outro, evitar possíveis dificuldades de leitura e assegurar uma percepção literal do texto tão boa quanto possível. O nosso modelo de aparato comporta quatro partes, vindo cada uma delas separada da seguinte por uma linha de intervalo:

- a) O aparato das variantes, que será do tipo negativo, isto é, só anotaremos as lições divergentes. Apresentaremos as variantes de acordo com as mesmas regras utilizadas para a transcrição do texto crítico e só daremos conta das que forem significativas. Este aparato das variantes tem, por assim dizer, dois momentos, correspondentes ao paratexto e ao texto propriamente dito. A chamada do primeiro desses elementos será feita por intermédio da palavra *Legenda*, impressa em itálico e seguida de um ponto final. A chamada do texto propriamente dito será feita pelo número do verso, também seguido de um ponto final. A identificação do lema far-se-á de forma a não suscitar nenhuma dúvida. O lema será seguido de um meio colchete, vindo imediatamente depois a variante e a sigla que a identifica. Se um lema tiver duas ou mais variantes, estas serão consecutivamente apresentadas, sem que entre elas exista qualquer sinal de pontuação. Entre o lema, a(s) variante(s) e a(s) sigla(s) também não haverá nenhum sinal de pontuação, a menos que a(s) variante(s) em causa diga(m) respeito a um sinal desse tipo. O lema e a(s) variante(s) serão impressos em redondo, ao passo que as siglas identificativas das variantes virão em itálico. Havendo necessidade de anotar variantes para mais do que um lema do mesmo verso, a passagem de um ao outro será assinalada por intermédio de uma vírgula, colocada depois da última sigla da variante do lema anterior. Nos casos em que um testemunho tenha uma versão de um verso ou da legenda muito diferente da apurada, dispensaremos o recurso ao lema e apresentaremos, na linha inferior àquela em que vierem outras versões confrontadas com lemas, todo o verso ou toda a legenda da versão divergente. Eventuais observações da nossa responsabilidade virão em itálico.
- b) A justificação das emendas que tivermos efectuado.
- c) O glossário e as notas que entendemos necessárias para o esclarecimento de qualquer aspecto do texto. Poderemos também incluir neste espaço alguma observação sobre irregularidades – gramaticais, métricas, acentuais – dos versos.
- d) Um breve apontamento sobre a poética do texto.

#### **IV. EDIÇÃO CRÍTICA**



## **A. POEMAS DE AUTORIA SEGURA**



## **1. POEMAS PUBLICADOS EM VIDA DO AUTOR**



1. Égloga *Que fresco sítio e sombra diletosa*

Testemunho impresso: Collecção de Obras Poeticas, I, 1789, p. 222-224 (an.) =  $A_1$

Testemunhos manuscritos: BPMP, 1129, p. 245-247 (Manuel Inácio de Sousa Alvarenga) =  $A$  / BNL, 8608, f. 114r-114v =  $A_2$

Versão de  $A$

Égloga

Frondelio e Fileno

Frondelio

Que fresco sítio e sombra diletosa

Gozamos nesta relva, meu Fileno,

Debaixo desta faia tão frondosa!

Como move do Zéfiro sereno

5 O brando sopro a rama verde e leve,

Enchendo de sussurro o campo ameno!

---

1.-6. *Em  $A_1$ , certamente por lapso, esta fala vem atribuída a Fileno*

1. e sombra diletosa] que sombra diletosa  $A_2$

2. nesta relva] nesta selva  $A_1 A_2$

Post 4. *Em  $A_1$  há espaço interestrófico*

5. sopro a rama verde] sopro verde  $A_2$

Fileno

Daqui vemos também o manso gado,  
Que farto de pastar na relva fria,  
À sombra do arvoredado está deitado.

Frondelio

10 Pois enquanto não levas a beber  
O teu manso rebanho numeroso  
À ribeira do Tejo caudaloso,  
Da tua bela Tirse canta agora  
Os amores, a rara formosura,  
15 Ou canta de Filena a morte dura,  
Por quem derramou pranto a mesma Flora.

Fileno

Toca tu, meu Frondelio; Eu cantarei  
Os versos que cantei já neste prado,  
Os quais para memória então gravei  
20 No tronco de um carvalho desfolhado.

Dize, Tirse cruel, por que desprezas  
Um coração que te ama com ternura,

---

14. rara formosura] clara formosura  $A_2$

Post 20. Em  $A_1$  e  $A_2$ , não há quebra de estrofe; em  $A_2$ , os vv. 21-54 vêm entre aspas.

22. Um coração] o coração  $A_2$

- Obrando a teu respeito mil finezas?  
Tu és, bela Pastora, inda mais terna  
25 Do que a mansa Ovelhinha e do que a rola;  
Mais alva do que a neve e mais formosa  
Que a estrela da manhã, que a branca rosa;  
Mas para mim mais dura e mais amarga  
Do que a verde raiz da planta nova.  
30 Apenas aparece o louro Febo  
Dourando com seus raios estes montes,  
Já Eu na margem desta pura fonte,  
Com minha voz sentida e lagrimosa,  
Entro só a chamar: «Ah, Tirse, Tirse»;  
35 «Tirse, Tirse» responde esta saudosa  
Floresta, mas tu nunca respondes.  
Vem cá, Pastora; aqui, no verde prado,  
O Narciso cheiroso colheremos,

---

Post 23. Em  $A_1$  há quebra de estrofe.

25. ovelhinha e do que] ovelhinha, do que  $A_1 A_2$

26. Mais alva do que a neve] Mais do que a neve  $A_2$

28. Em  $A_1$ , amarga está sobreposto a formosa, sem que nenhuma das palavras esteja riscada. Optámos pela primeira, dado que formosa não se ajusta ao contexto, parecendo claramente um equívoco estimulado pelo final do v. 26.

30. louro Febo] loiro Sol  $A_2$

31. estes montes] este monte  $A_1 A_2$

32. na margem desta pura fonte] nas frias margens desta fonte  $A_2$

36. nunca respondes] nunca me respondes  $A_1$

38. O Narciso cheiroso] O cheiroso Narciso  $A_2$

Do orvalho da Manhã inda banhado.  
40 Uma gruta aqui tenho neste monte,  
De arvoredado sombrio rodeada,  
De hera e de Jasmins alcatifada,  
A que banham as águas de uma fonte.  
Aqui a sesta ardente passaremos,  
45 Eu sentado na penha e tu nas flores;  
Naquele agreste estilo dos pastores,  
Os versos alternados cantaremos;  
Se tu quiseres vir, ó Tirse ingrata,  
Dois corsos te darei muito tenrinhos  
50 Que ontem apanhei na espessa mata;  
Tenho mais um rebanho de cabrinhas  
E outro também tenho de cordeiros;  
Vem, Pastora, e entre estas aveleiras  
Nós faremos pastar este rebanho.

---

41. De arvoredado sombrio] De arvoredos sombrios  $A_1$  De sombrio arvoredado  $A_2$

43. A que banham as águas] Regada pelas águas  $A_2$

46. dos pastores] de pastores  $A_1$

47. Os versos alternados] Mil vezes alternados  $A_2$

Post 47. *Em  $A_1$  há quebra de estrofe.*

48. Se tu quiseres] Se tu quisesses  $A_2$

49. te darei muito tenrinhos] te darei mui tenrinhos  $A_1$  te daria mui tenrinhos  $A_2$

50. Que ontem apanhei] Que inda ontem colhi  $A_2$

53. Pastora, e entre] Pastora, entre  $A_2$

54. Nós faremos pastar] Apascentar comigo  $A_2$

Frondelio

- 55 Fileno, já o Sol o claro rosto  
Vai banhando nas ondas prateadas.

Fileno

- É verdade, Pastor, o Sol é posto;  
E antes que da noite o véu sombrio  
Escureça de todo o fresco prado,  
60 Levemos por aqui o manso gado  
À ribeira do Tejo claro e frio.

---

55. o Sol o claro rosto] o Sol seu claro rosto  $A_2$

56. ondas prateadas] ondas escumosas  $A_2$

59. Se estenda aqui por cima deste prado  $A_2$

60. Levemos por aqui] Levemos a beber  $A_2$

A égloga é formada por decassilábicos, dispostos em estrofes irregulares e de acordo com um esquema rimático também não uniforme.

2. Elegia *Perdoa, sombra ilustre, se o sossego*

Testemunhos impressos: Jornal Encyclopedico, Fevereiro de 1790, p. 199-202 = *A* / Jornal Poetico, 1812, p. 16-19 = *A<sub>I</sub>*

Versão de *A*

Elegia na morte do Senhor D. José, Príncipe do Brasil, exposta sobre o seu Túmulo, no dia de suas Exéquias, celebradas na Ilha de Faial

Perdoa, sombra ilustre, se o sossego  
Das tuas frias cinzas turbar venho  
C{om} o som da Lira triste em que hoje pego!

Perdoa, se com ais quebrado tenho  
5 O silêncio da morte em que repousas  
Nesta Urna fatal do teu despenho!

---

*Legenda.* Na morte do Senhor D. José, Príncipe do Brasil. Elegia *A<sub>I</sub>*

3. A métrica impõe esta emenda.

*Legenda.* D. José, Príncipe da Beira e do Brasil, era o filho primogénito de D. Maria I e de D. Pedro III. Nascido em Lisboa, a 20 de Agosto de 1761, viria a falecer, na mesma cidade, a 11 de Setembro de 1788. Deixou viúva a infanta D. Maria Francisca Benedita, que era também sua tia materna, com quem tinha casado em 1777. A morte do Príncipe foi muito celebrada pelos poetas contemporâneos.

Lá no Trono celeste de que gozas,  
O teu formoso espírito despreza  
Da minha Musa as vozes lagrimosas;

- 10 Mas a perda é tamanha que a dor presa  
(Tanto que em noute eterna te escondeste)  
Brotou do peito em vivo fogo acesa...

- Filhas do flavo Tejo, com ciprestes  
Enastrai as madeixas desgrenhadas,  
15 Chorai comigo a glória que perdestes!...

Para que regiões tão afastadas,  
Batendo as leves asas, nos fugistes,  
Doce alegria, esp{e}ranças malogradas?

- Aonde estão os bens que nos fingistes?  
20 Onde aquele prazer do fausto dia  
Em que os olhos, Senhor, à luz abristes?...

O Príncipe gentil na terra fria  
Jaz sumergido, em noute pavorosa,

---

11. escondeste] escondestes *A*<sub>1</sub>

18. malogradas] mal logradas *A*<sub>1</sub>

18. A métrica torna obrigatória esta síncope.

Para nunca ver mais a luz que via;

- 25 Do tronco de Bragança a flor mimosa  
Junto do áureo Trono foi talhada  
Pela fouce da morte venenosa.

- C'roa de mil brilhantes esmaltada,  
Dourados ceptros, graças, gentileza,  
30 Nada te abranda, ó morte atraçoada!

Inexorável monstro de fereza,  
Quantos frutos em flor arrebataste{s}?  
Que glória ao Reino, ao sólio que grandeza?

- O alvo lindo rosto que enrugaste{s}  
35 Para infeite das graças, inda invejo;  
Mas tu, cruel, em cinza o transformaste{s}...

A quem não quebrantou mal tão sobejo?  
As Tágides nas ondas se esconderam,

---

32. arrebataste{s}] arrebatastes *A*

34. enrugaste{s}] enrugastes *A*

35. Para enfeite] Para efeito *A<sub>I</sub>*

36. transformaste{s}] transformastes *A*

32., 34. e 36. Como o mostra claramente a forma pronominal do v. 36, a desinência de plural está errada, pelo que, seguindo a lição de *A<sub>I</sub>*, decidimos proceder à emenda respectiva.

Gemeu na verde gruta o longo Tejo.

40 Quantas lágrimas tristes se verteram,  
Quantas madeixas de ouro se arrancaram,  
Quando o lívido corpo à terra deram!

Os montes de Lisboa se abalaram  
E a lânguida tristeza descorada  
45 Sobre os secos regaços encostaram.

Via-se a horrível Deusa descarnada,  
Hirto o cabelo, o peito latejando,  
Da mágoa e do silêncio acompanhada;

Na macilenta mão, de quando em quando,  
50 A lacrimosa face descansava,  
Roucos, débeis gemidos exalando;

As pandas negras asas despregava,  
E sobre os corações já quebrantados  
Acerba dor, angústias derramava.

55 Dali voa aos reais paços dourados  
E pelas vastas salas ululando,

---

43. Os montes de Lisboa] As montanhas de Lísia *A*<sub>1</sub>

De amaro pranto os deixa rociados.

Entra o ermo aposento e, soluçando,  
Junto à real Princesa se sentava,  
60 Novos prantos e mágoas espalhando.

Oh, que ternas lembranças lhe acordava!...  
Do caro Esposo a voz enternecida,  
Confusa, lhe parece que escutava...

Levanta, Lira minha, a voz sentida,  
65 Canta as mágoas, as queixas lastimosas  
Da formosa Consorte esmorecida!

Seus lábios, que a cor têm de vivas rosas,  
Do fido Esposo o nome articulavam,  
Envolto em tristes lágrimas saudosas.

70 Da branca mão ferido o tenro peito,  
Murchas na face as rosas inflamadas,  
Sem cor o rosto em lágrimas desfeito;

---

57. De amaro] D'amargo *A*<sub>1</sub>

59. se sentava] se assentava *A*<sub>1</sub>

Post 69. *Em A*<sub>1</sub> há uma nova estrofe: Que ternas vozes pelo ar soavam! / O amor, da morte o horrífico  
Direito, / Cada vez mais seus olhos magoavam.

Com pranto ao Céu levanta as mãos nevadas,  
Ergue os olhos chorosos mas celestes,  
75 E estas vozes soltou d'alma arrancadas:

«Tornai-me, ó Céus, o Esposo que me destes!  
Recebe-me em teu seio, terra fria,  
Ou me torna esse corpo que escondestes!...»

Calava a terra, o Céu não respondia;  
80 As Leis do Eterno Deus são imudáveis;  
Não há na terra sólida alegria;  
Só lá no Céu os bens são perduráveis.

---

80. Eterno Deus] Eterno Ser *A<sub>1</sub>*

A elegia é formada por decassílabos, agrupados em tercetos e numa quadra final. Os tercetos obedecem ao esquema rimático ABA, sendo que B é sempre retomado como A da estrofe seguinte. A quadra apresenta como modelo rimático ABAB.



## **2. POEMAS PUBLICADOS POSTUMAMENTE**



3. e 4. Poema em quadras heptassilábicas *O tempo tudo arrebatada* e Soneto *Risonha nasce a aurora neste dia*

Testemunho impresso: O Gremio Litterario, II, n.º 28, 1881, p. 28

Aos anos da Excelentíssima Senhora D. Ana Arriaga

O tempo tudo arrebatada,  
O tempo tudo arruina;  
A torre que aos céus s'empina  
Abala, lança por terra.

5     Destrói o tempo na serra  
D'antigo tronco a verdura;  
Só em vós nunca se abate  
C'os anos a formosura.

Os teus anos, linda Isbela,  
10    Já os deuses festejaram;  
Na ordem das divindades  
Zelosos te colocaram.  
Se ao nascer já pertencias  
Aos altos Numes sob{e}ranos,  
15    Em festejar teu natal  
Pouco fazem os humanos.

---

14. Esta síncope é imposta pela métrica.

O mundo inteiro te adora;  
Pareces predestinada,  
Pois sabes que sem virtude  
20 A grandeza é pó, é nada.  
Mil eminentes virtudes  
Junto a teu berço velaram  
E dirigindo teus passos  
Jamais te abandonaram.

25 Quem deste escudo se ampara  
Do mundo não teme os danos,  
Vive assim como tu vives,  
Ditoso conta seus anos.

Risonha nasce a aurora neste dia  
Em que, formosa Isbela, tu nasceste!  
Festejam teu natal, obra celeste,  
Aves, plantas e até a fera impia.

5 Em toda a natureza uma alegria  
Com teus anos, ó Isbela, tu fizeste;

---

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados em 7 quadras, surgindo as 6 primeiras emparelhadas. Quanto à rima, domina o esquema ABCB.

Novas flores, nova cor, o prado veste  
E saltam os delfins na costa fria.

Os sátiros dentre as selvas vêm saindo,  
10 As ninfas vão deixando as espessuras,  
As graças, os amores, se estão rindo;

Assim, ó grande Isbela, as criaturas,  
Por verem tais milagres, 'stão pedindo  
Mil anos contes cheios de venturas.

---

7. Este verso tem 11 sílabas.

9. A acentuação deste verso é irregular: 7-10. Além disso, a obtenção de um decassílabo obriga a admitir uma sinérese forçada em *saindo*.

O soneto obedece ao esquema rimático ABBA / ABBA / CDC / DCD.

5. Ode *Enquanto pelos campos estendidos*

Testemunhos impressos: O Gremio Litterario, II, n.º 33, 1881, p. 70-71= *A* / Antologia de Poesia Açoriana, 1977, p. 51-55 = *A<sub>I</sub>*

Versão de *A*

Ode

Enquanto pelos campos estendidos  
Só vejo o triste horror da soledade,  
Quero soltar a voz dos meus gemidos,  
Quero fartar minha alma de saudade...  
5 Ventos que respirais nestes retiros,  
Levai à bela Márcia os meus suspiros.

Enquanto solitário nestas brenhas  
Me vai a dor da ausência consumindo,  
Saudoso contarei às duras penhas  
10 Estas mágoas de amor que estou sentindo...  
Ouvi, montes, ouvi, duros rochedos,  
Da minha alma ofendida mil segredos.

Aquele ingrato Bem, que a Lealdade

---

10. sentindo] carpindo *A<sub>I</sub>*

15      Constante me jurou co{m} a mão no peito,  
Hoje me volta o rosto sem piedade,  
De amor quebrando a fé, laço estreito...  
Aquele ingrata Márcia, aquela ingrata  
Que a vida já me deu, hoje me mata.

20      Os seus rosados lábios com ternura  
Noutro tempo o meu nome proferiram;  
Num grilhão, que me atava com doçura  
Sua fé, os seus mimos me prendiam...  
A cadeia de amor, que é tão pesada,  
Com gosto foi por mim sempre arrastada.

25      Eu em seu terno peito respirava;  
Eu em seus lindos olhos sempre ardía;  
E se por sorte a face lhe beijava,  
De ternura e de amor todo me enchia;  
Eu do seu coração era senhor;  
30      Ela preso me tinha ao seu amor.

Mas esses doces bens já me fugiram,

---

16. laço] o laço *A<sub>1</sub>*

20. proferiram] proferiam *A<sub>1</sub>*

27. E se] Eu, se *A<sub>1</sub>*

14. Esta apócope é imposta pela métrica.

Márcia não sei aonde os tem guardado;  
A algum dos que por ela inda suspiram  
Talvez a ingrata os tenha destinado...  
35 Dispõe, cruel, de tudo, mas mesquinha  
Não entregues essa alma porque é minha.

Faz-me a saudade horrível companhia  
Por entre os arvoredos que rodeia;  
Escura me parece a luz do dia,  
40 A noite clara, o campo negro e feio;  
Até do passarinho o doce canto  
Me faz correr dos olhos triste pranto!

Mil vezes vou colher jasmims nevados,  
Negras saudades, tristes roxos lírios;  
45 Ao ar os lanço, aos ventos apressados  
Entrego estes sinais dos meus mártírios...  
Levai, lhe[s] digo, ó ventos, estas flores  
Aos meus ingratos mas gentis amores.

Trago da mágoa o rosto macilento,  
50 O peito aflito de gemer cansado;  
Palpita o coração e em meu tormento  
Dos olhos sinto o sono afugentado...

---

32. os tem] os tens *A<sub>1</sub>*

38. rodeia] rodeio *A<sub>1</sub>*

Ah, Márcia, Márcia, tem de mim piedade!  
Ou me mata ou suaviza esta Saudade.

55 Vem ver estes estragos que tens feito  
No firme amante que, infiel, deixaste;  
Traz agudos punhais, rasga-me o peito,  
Vê nele a bela imagem que estampaste;  
No coração que tens atormentado  
60 Vê, cruel, teu retrato eternizado!

A tristeza comigo anda lutando,  
Em aparentes risos escondida,  
O rosto um ar alegre respirando,  
A alma de tormentos combatida;  
65 Por desafogo à dor busco um retiro,  
Ali por Márcia chamo, ali suspiro.

Aos verdes montes do Pilar subindo,  
Estendo por te ver os olhos tristes;  
Mas não te avisto, e se vou descobrindo  
70 O sítio venturoso aonde existes,  
Chamo por ti e tu a meus gemidos  
Voltas a face, cerras os ouvidos!

Então entregue todo a meus cuidados,

---

69. e se vou] e só vou A<sub>1</sub>

Vejo abrir as florinhas esmaltadas,  
75 E de repente as vejo sobre os prados  
Quase murchas, caídas desmaiadas;  
Nelas de Márcia vejo uma figura  
Na pouca duração, na formosura.

Vem ver o brando Zéfiro abrindo  
80 As asas de cristal, em curtos giros,  
E movido da dor que estou sentindo,  
Levando pelo ar os meus suspiros;  
Vem ver a triste Eco soluçando  
Quando por ti saudoso estou chamando.

Vem ver a dura penha hoje estalada  
85 Por ouvir-me queixar de uma inconstância...  
Não te dilates, vem, corre apressada,  
Porque nunca em amor houve jactância...  
Tudo, de ouvir-me, chora com ternura,  
90 Só tu de amor não sentes a brandura.

Abranda da tua alma essa dureza,  
Converte o meu pesar em doce gosto,  
Desterra do meu peito esta tristeza,  
Deixa-me ver, ó Márcia, esse teu rosto;  
95 Se uma só vez teus olhos vir piedosos,

Terei os meus tormentos por ditosos!

---

A ode é formada por decassílabos, agrupados em sextilhas, que obedecem ao esquema rimático ABABCC.

6. Soneto *Eu vejo, Nise, em teus olhos formosos*

Testemunho impresso: Antologia de Poesia Açoriana, p. 51 = *A*

Testemunhos manuscritos: BNL, 8610, p. 350 = *A* / BNL, 8603, p. 605 (an.) = *A<sub>1</sub>*

Versão de *A*

Eu vejo, Nise, em teus olhos formosos,  
Um tão incerto e doce movimento  
Qu'ora alegre, ora triste, em meu tormento,  
M'entrego a pensamentos duvidosos.

5 Umás vezes os vejo tão piedosos  
Que parecem ter dó do meu lamento;  
Mas ai!, que esta piedade num momento  
Mudada vejo em gestos rigorosos.

Em teus olhos, meu bem, nada vareia;  
10 A mudança que neles aparece  
Só nasce da minha alma, que receia;

---

11. da minha] de minha *A<sub>1</sub>*

12. Que a um] Pois um *A<sub>1</sub>*

9. vareia – Trata-se de um arcaísmo morfológico: nesta época, *variar* seguia o modelo dos verbos em *-ear*.

Qu'a um amante terno que padece,  
Qualquer luz d'esperança o lisonjeia,  
Qualquer receio vão o entristece.

---

13. luz] sombra *A<sub>1</sub>*

ABBA / ABBA / CDC / DCD

7. Soneto *Vem ver-me, amado bem, neste retiro*

Testemunho impresso: Um soneto inédito, 1984, p. 14 =  $A_1$

Testemunhos manuscritos: BNL, 8610, p. 347 =  $A$  / BNL, 8603, p. 603 (an.) =  $A_2$

Versão de  $A$

Vem ver-me, amado bem, neste retiro,  
Onde rios de lágrimas derramo;  
Ouvirás o som triste com que clamo,  
Quando o teu doce nome aqui profiro.

5 Vem ver-me como aflito aqui suspiro  
Nos transportes d'amor em que m'inflamo;  
C'o som da roca voz com que te chamo,  
Verás soltar-se o pranto em largo giro.

Vem ver-me; e quando vires a mudança  
10 De meu rosto, já triste e macilento,  
Talvez que abrandes mais tua esquivança;

---

3. clamo] chamo  $A_2$

7. C'o som] Ao som  $A_1$

8. soltar-se] voltar-se  $A_2$

10. De meu] Do meu  $A_2$

Mas se tiveres dó do meu lamento,  
Com um suspiro teu e uma lembrança,  
Então farás ditoso o meu tormento.

---

13. teu e uma] teu, uma *A*<sub>1</sub>

ABBA / ABBA / CDC / DCD



### **3. POEMAS INÉDITOS**



8. Ode *Descansemos, Anarda, neste sítio*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1189, f. 92r-93r

Ode Anacreônica

Descansemos, Anarda, neste sítio  
Que a bela Natureza fabricou  
Para amantes ditosos descansarem;  
Aqui entre estes lírios,  
5 C'os peitos inflamados,  
Gozaremos do Campo esta frescura.  
Vê como deste trémulo regato  
Vão as águas aos olhos fugitivas  
Cortando a verde relva destes prados,  
10 Fazendo nos seus giros  
Matiz tão agradável  
Que parece cristal entre esmeraldas.  
No ar que aqui nos cerca se derrama  
O suave perfume de mil flores  
15 Que dentre a branda relva estão brotando;  
Junto das águas nasce  
A cândida Açucena,  
O suave Jacinto, a pura Rosa.  
Vê como dos Amores, uns, pendentos  
20 Pelos ramos das árvores frondosas,  
Derramam sobre nós nuvens de flores;

Outros, aqui mais perto,  
Batendo as leves asas,  
Mais acendem o fogo em nossos peitos.  
25 Não ouves a sonora melodia  
Dumas vozes que ao longe estão soando?  
São as Ninfas formosas deste bosque,  
Que ao som de doces hinos,  
De lírios e de mirto  
30 Nos fabricam grinaldas para a frente.  
Oh, quanto feliz sou quando contigo  
Gozo tanta frescura deleitosa!  
Mas quanto mais feliz e venturoso  
Se o meu triste rival  
35 Ouvisse esses suspiros  
Com que premeias meu ardente amor!

---

A ode é constituída por versos brancos, verificando-se uma alternância entre o decassílabo e o hexassílabo, num esquema irregular.

9. Ode *A descarnada morte*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1189, f. 93r-93v

Ode

A descarnada morte  
Te arrancou de meus braços, Casta Esposa;  
Na pavorosa noite  
Da funda sepultura te escondeu!  
5           Ó penetrante mágoa,  
Não me prendas no peito a rouca voz!  
Lagrimosa Saudade,  
Tempera a minha Lira, derrama nela  
Os teus fúnebres sons...  
10       Nem já meus tristes olhos s'hão-de abrir  
Para ver Galateia,  
Senão para chorar amargamente.

---

8. Este verso apresenta 11 sílabas métricas. Uma correcção possível seria *Tempera-me a Lira (...)*. Na falta de suporte documental, optámos por conservar a forma que consta do testemunho utilizado.

11. Galateia – Filha de Nereu e de uma ninfa marinha. Apaixonada pelo pastor Ácis, recusa o amor do Ciclope Polifemo, que, movido pelo ciúme, mata o rival com uma enorme rocha. Galateia transforma contudo o seu amado em rio.

12.-13. Átropos, a terceira das divindades que presidiam ao destino humano, responsável pelo corte do fio da vida.

Enquanto a voraz Parca  
Não cortar desta vida o débil fio,  
15 Com doloroso pranto  
O solitário luto hei-de banhar;  
O luto, Esposa amada,  
Onde a celeste e impávida Virtude  
Habitava contigo...  
20 Em que singelo peito se há-de achar  
A incorrupta fé?  
Em que beijos da Cândida Verdade  
Hão-de brilhar os raios?  
Santa Sinceridade, e que apressada  
25 Cá da terra fugiste!  
Depois que em longo sono sumergida  
Descansou Galateia,  
Eu vi fazer-se frio e macilento  
Aquele gentil rosto;  
30 Ah, que imagem funesta e dolorosa!  
Eu vi aquela boca  
Fechar-se para sempre quando ia  
Míl palavras dizer-me...  
Que horrível, que medonha me parece  
35 Do dia a luz brilhante!  
Ó noite, eterna noite, corre, voa,  
Sacode as negras asas,  
Vem cobrir-me daquelas feias sombras  
Que impedem os mortais

40 Tornar a ver do dia a clara face.

---

A ode é formada por versos brancos, alternando o decassílabo com o seu quebrado.

10. Ode *Quem, Lídia, de teu rosto afugentou*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1189, f. 93v-95r

Ode

Quem, Lídia, de teu rosto afugentou  
A celeste e risonha formosura?  
    Teu semblante agradável  
    Quem tornou tão medonho?  
5 Descarnadas as faces e amarelas,  
Sórdida a testa, crespa e descomposta,  
    Os olhos encovados,  
    Denegridos os beiços;  
O Leão mais feroz, que nas montanhas  
10 Atemoriza as feras destemidas,  
    Medroso fugira  
    De teu aspecto enorme.  
Ah, Lídia, Lídia! Os anos fugitivos,  
Que em seu giro não param, converteram  
15 Em carrancudo Inverno  
    Os teus serenos dias.  
Sobre as asas do tempo arrebatado,  
Voou a florecente mocidade;  
    Com ela se ausentaram

---

11. Este verso apresenta 5 sílabas métricas.

20            Seus filhos, os agrados.  
Os gostos, os prazeres, que gozavas  
Na serena estação dos verdes anos,  
              Acabaram, qual sombra  
              Que o claro Sol dissipa.

25            A moribunda, a cândida Velhice,  
Com as geladas mãos veio murchar  
              As mais brilhantes flores  
              Da bela Primavera.

              Esta mãe de moléstias incuráveis,  
30            Esta fonte d'angústias que não seca,  
              Pouco e pouco te cava  
              A feia sepultura.

              Passou a bela idade, não é tempo  
De tecer pelas húmidas ribeiras

35            Florecentes capelas  
              Os fêrvidos amantes.

              Com teus níveos cabelos já não brinca  
Zéfiro enternecido, e amor fero  
              Já quebrou as cadeias

40            Com que as almas prendias.  
Jazem por terra enfim despedaçados  
Os altares que os tímidos amantes  
              À tua formosura  
              Humildes levantaram.

45            Aos vergonhosos cepos das paixões  
Não vês ligados míseros mancebos,  
              Beijando os próprios ferros

Em que andam prisioneiros.  
Teu mirrado semblante, ó Lídia, enorme,  
50 Maior medo lhes causa, mais horror,  
Que os pálidos Espectros  
Ou débil moribundo.  
E que depressa, ó Lídia, se ausentaram  
As graças que te ornavam! {A} onde estão  
55 Os dias consumidos  
No seio das dilícias?  
Oh! Que horríveis cuidados afugentam  
De teus olhos o sono deleitoso?  
Que remorsos abalam  
60 Tua alma atribulada?...  
{A}inda agora caminhas para o Templo  
Da fermosa Virtude? Às santas aras  
Que tarde chegarás,  
C'o peso da Velhice!  
65 No meio do caminho, a seca Morte  
T'está rompendo a funda sepultura.  
Ah, Lídia, que não chegas  
Ao Templo da Virtude!

---

54. e 61. A métrica torna a aférese obrigatória.

A ode é constituída por versos brancos. Agrupados aos pares, os decassílabos alternam com os hexassílabos.

11. Canção *Do meu lado te aparta, Amor feroz*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1189, f. 98r-99r

Canção a uns anos

Do meu lado te aparta, Amor feroz,  
Sacode as crespas asas, vai-te embora;  
Com tua lagrimosa e triste voz,  
Turbar não venhas minha voz sonora!  
5 De mim te aparta, que em meu peito humano  
Poder hoje não tens, Amor tirano.

Já não trago o meu rosto macilento,  
Já não dou magoadíssimos suspiros;  
Nem para me fartar no teu tormento  
10 Busco, Amor, os tristíssimos retiros.  
Minha alma, neste alegre e feliz dia,  
Se incenda de suavíssima alegria.

Movida da saudade, a curva Lira  
As fúnebres Canções já não entoa;  
15 Nela a minha agonia não respira,  
Nem o teu Nome, ó Tirse, nela soa;  
Eu levantando a voz até às estrelas,  
D'Ana só cantar quero as graças belas.

- No áureo giro de seus verdes anos,  
20 Quando tempo nos traz tão feliz dia,  
Aumentados seus dotes soberanos  
Vê todo o Mundo, cheio d'alegria;  
Gastam-se os dias e os Anos correm,  
Mas as Virtudes nela nunca morrem.
- 25 Ó agradável Ana, eu vi queixosa  
Contra vós hoje a Deusa dos agrados:  
Do semblante perdida [a] cor graciosa,  
Os olhos de mil lágrimas banhados,  
Dizia que as três Graças que [a] adornavam  
30 Dela fugiam e em vós s'achavam.
- Em seu regaço o triste filho estava;  
Triste filho, então, com o arco froxo,  
Eis que uma grã ferida lhe deixava,  
O seu peito tingido em sangue roixo.
- 35 Confessa o mesmo Amor, triste e vencido,  
Que foi por vós, ó Ana, hoje ferido.

Por vinte vezes já florecer viste

---

26. Vénus, a deusa do amor.

29. As três Graças – Divindades da beleza. Moravam no Olimpo, na companhia das Musas, e integravam o séquito de Apolo. São representadas como três irmãs: Eufrosina, Talia e Aglaia.

31. Cupido, deus romano que personifica o desejo amoroso.

Os agradáveis e risonhos prados;  
E outras tantas ao Inverno triste  
40 Viste vir de chuveiro rodiado;  
Porém, por mais e mais que o tempo gira,  
Em vós a formosura nunca expira!

Que alegre, que sereno vai passando  
Este dia feliz tão desejado!  
45 O verde mar, que sempre anda bramando,  
Como está sobre as praias sossegado!  
O rijo vento quebra os seus furores,  
O Zéfiro somente move as flores.

As Tágides, que alegres vêm cortando  
50 Do rico Tejo as plácidas correntes,  
Os seus cândidos braços enlaçando,  
Como dançam nas margens florecentes!  
Suaves hinos cada qual entoa,  
Nas suas Liras vosso nome soa.

Até a fria Aurora hoje rompeu  
55 Nos claros horizontes mais formosa;  
Com mais sereno orvalho humedeceu  
Os verdes montes e a campina ervosa  
E mostrou sua fronte alva engraçada  
60 De mais purpúreas rosas coroada.

Neste dia feliz, Ana ditosa,  
Tudo respira gosto e alegria;  
As lágrimas de Níobe saudosa  
Já não correm da penha grossa e fria.  
65 Esquecida da sua antiga pena  
Só canta e não suspira a Filomela.

Ó agradável Ana esclarecida!  
Ó causa de tão doces alegrias!  
As Parcas, que põem fim à nossa vida,  
70 Dilatem mais e mais os vossos dias;  
Em vós com anos cresça a formosura,  
Cresça sempre a Virtude rara e pura.

---

63. Níobe – Filha de Tântalo, casou com Anfion, de quem teve sete filhos e sete filhas. Orgulhosa com a maternidade, declarou um dia que era superior a Leto, que tivera apenas um filho (Apolo) e uma filha (Ártemis). Ofendida, a deusa foi vingada pelos seus descendentes: dos filhos de Níobe, salvou-se apenas um casal. Destruída pela dor, Níobe fugiu para junto do seu pai, em Sípilo, onde os deuses a transformaram em rocha. Mas os seus olhos continuaram a chorar, dando origem a uma nascente.

66. Filomela – Filha de Pandión, rei de Atenas, e irmã de Procne. O pai casou-a com o trácio Tereu, daí nascendo Ítis. Mas Tereu apaixonou-se pela cunhada, violou-a e cortou-lhe a língua, para não ser denunciado. Procne conseguiu todavia contar à irmã o que se passara, desenhando os acontecimentos num bordado. Filomela decide então punir Tereu: mata o filho e serve a carne ao marido, fugindo depois com Procne. Perseguidas, obtiveram a protecção dos deuses, que transformaram Filomela em rouxinol e Procne em andorinha. Tereu seria metamorfoseado em poupa.

69. Parcas – Divindades do destino, que presidem às diversas fases da vida humana.

A canção é formada por decassílabos, agrupados em sextilhas. Do ponto de vista rimático, apresenta o seguinte esquema: ABABCC.

12. *Idílio Pelas húmidas praias deste Rio*

Testemunho manuscrito: BNL, 11491, p. 256-262

Idílio

Pelas húmidas praias deste Rio,  
Soltando vou mil queixas magoadas.  
Que fúnebre retiro! O murmúrio  
Das líquidas correntes sossegadas  
5 Enchendo vai, com doce suavidade,  
Meus olhos de água, o peito de saudade.

Vales por onde triste ando vagando,  
Sempre cheios de meus saudosos ais;  
Montes que aos Céus vos ides levantando,  
10 Que entre nuvens as fronteas ocultais;  
Brandos ecos nas grutas escondidos,  
Ouvi, ouvi agora, os meus gemidos.

Trago coberto o peito de agonias;  
Encho a ideia de tristes pensamentos;  
15 Nada vejo por estas margens frias  
Que não aumente mais os meus tormentos;  
Até do passarinho o doce canto  
Me faz correr dos olhos triste pranto.

As Ninfas nestas margens tão floridas,  
20 Que teciam cantando mil capelas,  
Seus rostos cobrem lágrimas sentidas,  
Unindo as brancas mãos às faces belas;  
Já não tocam seus doces Instrumentos;  
Oh, quanta dor lhe[s] causam meus tormentos!

25 Fugiram-me as serenas esperanças  
Que me mostravam seu alegre rosto;  
Só vós me não fugis, tristes lembranças!  
Só tu me cercas, mísero desgosto!  
Que alívio posso ter, se nos meus dias  
30 Já não espero ver as alegrias?

Nem um instante tenho de repouso  
Na dor acerba que a minha alma ofende;  
Nem quando o doce sono deleitoso  
As brandas asas sobre mim estende:  
35 Entre sombras te vejo, Tirse amada;  
Estendo os braços, foges-me apressada.

Sai o Sol lá das ondas escumosas,  
Alegrando estes campos do Mondego;  
Vem a noite, entre sombras pavorosas,  
40 E põe todos nos braços do sossego;

---

30. alegrias?] alegrias.

Só a mim me aborrece a luz do dia;  
Só se escutam meus ais na noite fria.

Sofrendo o feio horror da Soledade,  
A vida passo em lágrimas e dor.  
45 Ah, Tirse, Tirse, tem de mim piedade;  
Vem a fazer feliz o meu amor;  
Não te dilates, não; com ligeireza,  
Vem desterrar de mim toda a tristeza.

Volta, Ninfa, os teus olhos mais piedosos  
50 À triste solidão destes retiros;  
Verás estes rochedos cavernosos  
Repetirem teu nome e meus suspiros;  
Esse Campo verás donde fugiste  
Despido de verdura, seco e triste.

55 Verás por ti meus olhos lagrimosos  
Sempre baxos e cheios de tristeza;  
Ouvirás uns suspiros tão saudosos  
Que abrandam destas rochas a dureza;  
E meu rosto verás banhado de águas  
60 Que dos olhos despedem tantas mágoas.

Uma sombra mortal, medonha e fria  
Estes meus tristes olhos escurece;  
Cheio de ânsias, cercado de agonia,  
O sangue gela, a alma desfalece;

65 Não te dilates, não, Tirse querida,  
Que entre saudosos ais acabo a vida.

Atrás de mim já corre a feia Morte;  
Já me cerca de horror a névoa escura;  
Suspende, ó Tirse, o injusto duro corte,  
70 Arranca-me da fria sepultura;  
Move o Rosto; seu doce movimento  
À minha alma dará um novo alento.

---

O idílio é formado por decassilábicos, agrupados em sextilhas. Quanto à rima, apresenta o seguinte esquema: ABABCC.

13. Elegia *Coberto de tristeza, o Tejo brando*

Testemunho manuscrito: BNL, 8608, f. 119r-119v e 114r (cont.)

Elegia

Coberto de tristeza, o Tejo brando  
Da sua fria lapa vem saindo,  
Em pranto as doces águas transformando;  
Largos campos de lágrimas cobrindo,  
5 Cheio de dor, cercado de agonia,  
Do claro Umbrino a perda vem sentindo;  
Umbrino, a quem a morte, com mão fria,  
Os olhos lhe cerrou esclarecidos  
Que apenas ia abrindo à luz do dia.  
10 Assim dos Pátrios ninhos mal tecidos  
Os implumes pombinhos são roubados  
De indómitos Falcões embravecidos;  
Assim a tenra flor dos verdes prados  
Antes de aberta cai amortecida,  
15 Do bravo vento aos sopros congelados.  
Como pudeste, ó Parca, endurecida  
Ficar aos tristes ais, ao triste pranto,  
Que uma Mãe derramava internecida?  
Quanto horror nos causaram, quanto espanto,  
20 Os pássaros nocturnos deste dia,  
Levantando seu rouco e triste canto!

Ao longe, da ribeira verde e fria  
A saúdosa rola a voz soltando,  
De fúnebre tristeza o bosque enchia.  
25 Quantos gemidos foram retumbando  
Nos fundos vales e nos altos montes,  
Os ecos pelas grutas despertando!  
Vós, Ninfas, que habitais as claras fontes,  
Também naquele dia lastimoso  
30 De cipreste c{o}roastes as alvas fontes;  
Como dantes, no prado deleitoso,  
Não teceste{i}s alegres mil capelas;  
Não derramaste{i}s só pranto saudoso,  
Quando viste{i}s fazerem-se amarelas  
35 Aquelas lindas faces e do rosto  
Fugirem para longe as graças belas;  
Cercou-vos um tão mísero desgosto  
Que desde, ó Ninfas, que mais não vistes  
O risonho semblante ao doce gosto.  
40 E tu, loiro Mondego, quando ouviste{s},  
Nas tuas verdes margens debruçado,  
Deste funesto caso as novas tristes,  
Atrás voltaste, aflito e assustado,  
E na musgosa lapa escondido,

---

30. A métrica impõe esta aférese.

38. Parece haver gralha do copista. Uma solução possível seria *Que desde então, ó Ninfas, mais não vistes.*

45 De acerba dor ficaste congelado.  
Que peito houve então que revestido  
Não fosse de tristeza? Que semblante,  
Sem ser de amargo pranto humedecido?  
Os ternos corações a cada instante  
50 Exalavam suspiros lagrimosos,  
Sinal da sua dor tão penetrante.  
Ah, triste horror! Ah, tempos lastimosos!  
Fecharam-se com mágoa as tenras flores  
Pelos amenos prados deleitosos.  
55 E vós, do Tejo míseros Pastores,  
As flautas pendurastes nos ciprestes,  
Nem cantastes então vossos amores;  
De ternos ais os santos Céus enchestes,  
O Céu para onde foi o claro Umbrino,  
60 Fugindo destas selvas tão agrestes.  
Ó venturoso! Ó feliz menino!  
De perpétua alegria estás gozando,  
Neste assento de estrelas cristalino.  
Mas já a rouca voz me vai faltando,  
65 Que a pouco e pouco a horrível agonia  
A foi no aflito peito congelando.  
Mondego, nesta praia roixa e fria,  
Que va[i]s banhando manso e vagaroso,  
Te deixo a minha fúnebre Elegia,  
70 Em sinal deste caso lastimoso.

---

A elegia é constituída por decassílabos, sendo a rima cruzada.

14. Soneto *Nas margens duma fonte que corria*

Testemunhos manuscritos: BNL, 8610, p. 349 = BNL, 8603, p. 606 (an.)

Nas margens duma fonte que corria  
Duma limosa gruta, murmurando,  
Na relva matizada descansando,  
A minha Tirse vi um claro dia.

5 Por detrás duma árvore sombria  
M'ocultei; então ela suspirando,  
Do brando peito a voz foi desatando  
E em pranto banhada assim dizia:

«Não mais, não m'atormentes, Monstro irado;  
10 Suspende o fero golpe desumano  
Que contra este meu peito tens vibrado;

«Se teus altares tenho, Amor tirano,  
Com meu saudoso pranto hoje banhado,  
Que mais queres, Cruel, dum peito humano?»

15. Soneto *Que venturosos são esses Pastores*

Testemunhos manuscritos: BNL, 8610, p. 351 = *A* / BNL, 8603, p. 604 (an.) = *A<sub>1</sub>*

Versão de *A*

Que venturosos são esses Pastores  
Que habitam no Mondego loiro e brando,  
Ao som das suas flautas celebrando  
O motivo gentil dos seus ardores!

5      Que ditosos não fazem seus amores  
      Esses ais que as Pastoras vão soltando,  
      Enquanto ao som das águas fabricando  
      Lh'estão Grinaldas de cheirosas flores!

10     Oh, quanto são felizes! Recostados  
      Em seus amantes braços, vêm os giros  
      Que o Rio faz por campos dilatados.

Triste de quem habita outros retiros,  
Sem gozar a frescura desses prados,  
Sem ouvir de seu bem ternos suspiros!

---

3. das suas] de suas *A<sub>1</sub>*

14. de seu] do seu *A<sub>1</sub>*

16. Soneto *No fundo desta selva tenebrosa*

Testemunho manuscrito: BM, Ms. intitulado «Flores do Parnazo», V, [p. 31]

No fundo desta selva tenebrosa,  
Marfida, Bela Ninfa, vi um dia,  
Que encostada num tronco ali sentia,  
Os golpes de uma ausência rigorosa;

5 Por ouvir a rezão tão lastimosa  
Das penas que passava, eu me escondia;  
Porém a dor cruel não consentia  
Que a triste articulasse a voz saudosa.

Eu que a vi das ânsias combatida  
10 E vacilante já em mil cuidados,  
A causa lhe pedi de estar sentida.

Pôs-me os olhos, em lágrimas banhados,  
E me disse, com voz enternecida:  
«Ausenta-se hoje Ulino destes Prados».

17. Madrigal *Ontem, quando a manhã vinha rompendo*

Testemunho manuscrito: BGUC, 1521, f. 165v

Madrigal

Ontem, quando a manhã vinha rompendo,  
Encontrei neste prado a Zélia amada,  
Nos cristais duma fonte sossegada  
    Seu alvo rosto vendo...  
5 Mas eu impaciente e receoso  
    De que Zélia adorada  
    Ficasse namorada  
    De seu rosto formoso,  
Da doce fontezinha em que se via  
10 Lhe turvei a corrente clara e fria.

---

O madrigal é formado por decassílabos que alternam com o seu quebrado, o hexassílabo (vv. 4, 6-8).  
Do ponto de vista rimático, apresenta o seguinte esquema: ABBACBBCDD.



**B. POEMAS COM FORTES PROBABILIDADES**

**DE PERTENCEREM A MANUEL INÁCIO DE SOUSA**



18. Égloga *À porta da cabana se sentava*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1129, p. 236-240 (Manuel Inácio de Sousa Alvarenga)

Égloga

Fileno e Frondélio

À porta da cabana se sentava  
Fileno, do rebanho já cercado,  
Vendo quando no Céu Febo raiava  
Para levar ao pasto o manso gado.  
5 Quando viu um pastor ir caminhando,  
De quando em quando a terna voz soltando:  
O triste Frondélio, que vivia  
Naquela escura selva em pranto ardente,  
Que como do seu bem vivia ausente,  
10 Por ele ali chorava, ali gemia.

Fileno

Que dor cruel, lhe disse então Fileno,  
Que dor cruel, Pastor, que mal estranho  
Te obriga a andar em lágrimas banhado?  
Por ventura morreu-te o teu rebanho,  
15 Pois te vejo sem ele e sem cajado?

Descansa aqui, não vás tão cedo ao monte,  
Que do luzente Febo inda a luz pura  
De todo não desfez a névoa escura  
Com que a noute ofuscou todo o horizonte.

Frondelio

20 Por certo, meu Fileno, que no Estio  
São mais largas as noites sossegadas  
Que na dura estação do Inverno frio.  
Coberto só dos ramos de um carvalho  
Munto tempo dormi, e ainda agora  
25 Vem caindo do Céu o fresco orvalho  
Que nos campos espalha a roixa Aurora.

Fileno

Não te queixes, Pastor, desta estação  
Que nos enche as campinas de verdura;  
Dize antes que na ideia a mágoa dura  
30 Talvez te representa essa ficção.  
Mas queres tu, enquanto o Sol não vem  
Seus raios pelos montes espalhando,  
Que vamos brandos versos alternando?  
Tu cantarás primeiro, se te lembram  
35 Os amores de Nise alva e formosa,  
Que também ao depois, com voz saudosa,  
Em nosso agreste estilo cantarei  
De Adónis lindo moço a triste história  
Que no tronco de um Louro escrita achei.

Frondelio

40 Eu, Fileno, não posso já cantar.  
Perdi meu doce bem; cansada e rouca  
Trago no peito a voz de suspirar.

Fileno

Pois tu não sabes que c{om} o doce canto  
Dos olhos se desterra o triste pranto?

Frondelio

45 Se me visses andar nestes retiros  
Por onde sempre Tirse ando chamando,  
Soltando com seu nome mil suspiros;  
Se visses os rochedos estalando,  
Os Tigres e os Liões enternecidos,  
50 Com dó de ouvir o mal que ando chorando;  
E os Lobos cruéis, não condoídos  
Dos trémulos balidos dos cordeiros,  
Com ternura escutar os meus gemidos;  
Se junto do Mondego, entre os salgueiros  
55 Ou nas profundas grutas de algum monte,  
Visses correr meu pranto em dous ribeiros;  
Se naquela sonora e pura fonte,  
Onde a minha Pastora retratado

---

43. A métrica impõe esta emenda.

Via o corpo gentil, a branca fronte,  
60 Se ali triste me visses debruçado,  
Por ver se aquele rosto n'água via  
Por quem anda este meu tão desmaiado;  
Se enfim tu visses bem o quanto peno,  
O quanto choro por meu bem perdido,  
65 Certo não cantarias, meu Fileno,  
Só choraras comigo internecido.

Fileno

Também a Filomela internecida,  
Por entre as verdes ramas de uma planta  
Saúdosa suspira e doce canta,  
70 Da sua antiga dor inda ferida;  
E a Rola, na margem da ribeira  
Ou junto do Acipreste levantado,  
Também cantando chora o triste fado  
Que lhe roubou a doce companheira.

---

66. Filomela – Filha de Pandión, rei de Atenas, e irmã de Procne. O pai casou-a com o trácio Tereu, daí nascendo Ítis. Mas Tereu apaixonou-se pela cunhada, violou-a e cortou-lhe a língua, para não ser denunciado. Procne conseguiu todavia contar à irmã o que se passara, desenhando os acontecimentos num bordado. Filomela decide então punir Tereu: mata o filho e serve a carne ao marido, fugindo depois com Procne. Perseguidas, obtiveram a protecção dos deuses, que transformaram Filomela em rouxinol e Procne em andorinha. Tereu seria metamorfoseado em poupa.

Frondelio

75 Pois que a cantar me obrigas, Eu começo;  
Toca a flauta, Pastor, que Eu te obedeço.

Soneto

Aquela tão saudosa madrugada  
Em que Eu da minha Nise me apartei,  
De dor então mais lágrimas chorei  
80 Que a fresca Aurora na manhã rosada.

Oh, quantas vezes vi Tirse banhada  
Em pranto que nas faces lhe enxuguei;  
Mas Eu quantos suspiros derramei  
Quando a vi nos meus braços desmaiada!

85 Antes que o Sol brilhante mais subisse,  
Quis do fado cruel a tirania  
Que eu do meu doce bem me despedisse.

«Adeus, {adeus}, ó Tirse», dizer-lhe queria,  
Mas só com tristes lágrimas lho disse,  
90 Que a língua com soluços não podia.

---

88. A repetição da interjeição é desnecessária e desequilibra a métrica do verso. É possível que se trate de uma gralha do copista.

Fileno

Basta, Pastor, não cantes mais agora,  
Que ternura me fazem teus amores;  
E já começa o Sol nas tenras flores  
A enxugar as lágrimas da Aurora.

Frondelio

95 Mas nunca enxugará Febo luzente  
Nos meus olhos as lágrimas saudosas,  
Enquanto nestas selvas tenebrosas  
Do meu amado bem viver ausente.

---

A égloga é formada por versos decassilábicos, dispostos em estrofes irregulares e de acordo com um esquema rimático também não uniforme.

19. Égloga *Manso rebanho meu, que bem guardado*

Testemunho impresso: Collecção de Obras Poeticas, I, 1789, p. 266-269 (an.) = *B*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1129, p. 248-251 (Manuel Inácio de Sousa Alvarenga) = *A*

Versão de *A*

Égloga

Manso rebanho meu, que bem guardado  
Paceste sempre a relva mais viçosa,  
Nesta fértil ribeira deleitosa:  
Eu me ausento de vós; o cruel fado  
5 Da minha bela Tirse hoje me aparta.  
Mas ah, rebanho meu, gado infeliz,  
Que desditosos somos neste dia!  
Vós perdeis de um pastor a companhia,  
O Pastor perde Tirse, a quem amava.  
10 Meus tenros cordeirinhos, bem me custa  
Deixar-vos solitários neste prado.  
Aqui, já quando o Sol tiver banhado  
O seu brilhante rosto na água pura,

---

*Legenda. Em B, abaixo de Égloga, vem Ulino*

3. ribeira] campina *B*

9. Tirse] aquela *B*

- Entre os braços das tímidas ovelhas  
15 Sentireis o rigor da noite escura.  
Então o voraz Lobo carniceiro,  
Não sentindo pastor que o afugente,  
Tingirá seu agudo e mortal dente  
No sangue da ovelhinha e do cordeiro.  
20 Já naquela estação chuvosa e fria  
Em que o Sol quasi sempre anda escondido,  
A lã da tenra Mãe não bastará  
A livrar-vos do Inverno desabrido.  
E vós, mansas ovelhas, vós também,  
25 Fugindo à grossa chuva buscareis  
Abrigo numa lapa escura e fria.  
Mas quanto temo enfim, gado inocente,  
Que das águas que decem lá da serra  
Vos afogue ali mesmo a turva enchente!  
30 Quão outro foi aquele feliz tempo

---

14. Entre os braços das] Gemendo junto às B

16.-19. *Faltam estes versos em B*

23. A livrar-nos do Inverno] A abrigar-nos do tempo B

30.-45. *B apresenta uma versão muito diferente para este segmento do poema, formada por menos um verso: O vosso pastor triste e deleitoso/ Já vos fez, pobre gado, venturoso;/ Inda bem nos distantes horizontes/ Não vinha a fria aurora sacudindo/ Seus humildes cabelos nestes montes,/ Já eu para este vale vos trazia;/ Eu vos guiava a vós, amor a mim,/ Que também neste vale Tirse bela/ O seu manso rebanho apascentava./ Aqui enquanto ao som da doce flauta/ Eu terno lhe explicava os meus amores,/ Ela pela campina deleitosa/ Para ornar minha fronte ia colhendo/ A descorada giesta, a branca rosa,/ O mimoso jacinto e outras flores,*

Em que Eu nestes outeiros vos guardei!  
Inda bem lá dos montes não caía  
A sombra que escurece o verde prado,  
Já eu vos conduzia com cuidado  
35 Para a margem da fonte clara e fria.  
Eu sempre em doce abrigo vos guardei,  
Por não seres do tempo maltratado  
Ou cortado do gelo duro e frio.  
Apenas sobre as ondas se mostrava  
40 A lagrimosa Aurora derramando  
Mil rosas encarnadas no Horizonte,  
Já Eu, rebanho meu, vos conduzia  
Para o cume viçoso deste monte.  
Ali já quando farto descansáveis  
45 Debaixo dos sombrios arvoredos,  
Quantas vezes, dizei, gado infeliz  
(Confidente fiel dos meus segredos),  
Quantas vezes com Tirse ali me vistes,  
Gozar a fresca sombra deleitosa?  
50 Oh, com que honesto pejo, com que gosto,

---

46. infeliz] inocente *B*

47. De meus ternos amores confidente, *B*

48. ali] aqui *B*

49. a fresca sombra deleitosa!] as frescas sombras deleitosas, *B*

37. Note-se a falta de concordância gramatical.

Em seus {seus} cabelos de ouro lhe cingia  
Os jasmims menos alvos que seu rosto;  
E com que ternura lhe oferecia  
Os juncosos cestinhos, carregados  
55 Das tenras frutas e vistosos lírios  
Que colhera no campo, inda banhados  
Do fresco orvalho da manhã serena.  
Ali, no verde tronco de um arbusto  
Mostrando-lhe o seu nome que Eu gravara;  
60 Oh, queira o Céu (Eu terno lhe dizia)  
Que assim como o teu nome cada dia  
Com esta tenra planta vai crescendo,  
Assim creça, Pastora, o teu amor!...  
Mas vós balis, ó mansas ovelhinhas!  
65 Com esses vossos trémulos balidos,

---

51. seus {seus}] seus seus *A*, cabelos de ouro] lindos cabelos *B*

53. com que] com quanta *B*

55. vistosos] cheirosos *B*

56. Que colhera no campo] Que eu na selva colhera *B*

57. *Depois deste, B apresenta 4 versos que não constam de A: Para mais lhe mostrar o vivo ardor/  
Em que este amante peito se inflamava,/ Com voz enternecida lhe contava/ Os excessos que fiz por  
seu amor;*

58. Ali, no liso tronco de uma faia, *B*

59. que eu gravara] que gravara *B*

60. eu terno] saudoso *B*

63. cresça, Pastora] pastora, cresça *B*

64. balis] balais *B*, ovelhinhas!] ovelhinhas; *B*

Eu também cá misturo os meus gemidos.  
Bem sei que me chamais, mas se o destino  
De Tirse aparta hoje o triste Alcino,  
Também é justo que Eu de vós me aparte.  
70 Ficai, caro rebanho; sempre farto  
Da relva tenra andeis, em fértil pasto.  
Mas vós ficais sem guarda; cruel Lobo,  
Não me leves as tímidas ovelhas  
Nem nunca vejas tu nesta manada  
75 Tua boca cruel ensanguentada!  
Ah, Lampuro, tu dormes descansado!  
Não [sabes] que disperso pelo monte  
Anda já sem pastor o manso gado?  
Desperta, meu rafeiro, e com teu ladro  
80 Afugenta da ovelha e do cordeiro

---

66. Eu também cá] Também hoje *B*

68. Alcino] Ulino *B*

69. eu de vós me aparte] de vós o aparte *B*

72. guarda; cruel Lobo] guarda! Ó carneiros *B*

73. Lobos, não me roubeis os meus cordeiros... *B*

74.-75. *Faltam estes versos em B*

76. Lampuro] lamparo *B*

79. teu ladro] teus ladros *B*

80. Não consintas que o lobo da manada *B*

77. Trata-se de um lapso evidente de *A*, pelo que fizemos a emenda correspondente, acolhendo a lição de *B*.

Esse Lobo cruel e carniceiro,  
Enquanto o triste Alcino desditoso  
Vai aumentar com lágrimas ardentes  
Do largo Tejo a líquida corrente.

---

81. Leve a boca voraz ensanguentada, *B*

82. Alcino, desditoso] Ulino sem ventura *B*

84. a líquida corrente] as líquidas correntes *B*

A égloga é constituída por versos decassilábicos, obedecendo a um esquema rimático não uniforme.

20. Ode *Morreu o forte Heitor, acabou Tróia*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1129, p. 251-253 (Manuel Inácio de Sousa Alvarenga)

Ode

Morreu o forte Heitor, acabou Tróia;  
Dos miseráveis campos da Dardânia  
Já voltaram os Gregos, já descansam  
Na desejada terra.

5 A tristíssima Esposa, que feria  
Co'a própria mão o delicado peito,  
Nos amorosos braços já recebe  
O suspirado esposo.

O velho inconsolável, que desmaia  
10 Ouvindo só de Heitor o grande nome,  
Alegre vê o filho, que há-de erguer-lhe  
Magnífico sepulcro.

Só tu choras, Penélope infeliz!

---

1. Heitor – Herói troiano, filho de Príamo e de Hécuba, e marido de Andrómaca. No decurso da Guerra de Tróia, acabaria por sucumbir às mãos de Aquiles.

2. Dardânia – Tróia.

13. Penélope – Esposa de Ulisses, o mais célebre herói da Antiguidade. Durante os vinte anos em que o marido esteve ausente por causa da Guerra de Tróia, conservou-se fiel aos votos matrimoniais.

- Só tu banhas de lágrimas o leito!
- 15 Ó Calipso, ó ninfa sem piedade,  
Tem dó da triste esposa!
- «Ulisses, amado Ulisses, onde estás?  
Mas não responde Ulisses a meus ais;  
Tu, Parca inexorável, lhe roubaste  
20 A preciosa vida.
- «Serão teus frios membros sobre a terra  
Devorados dos cães! Piedoso Céu!  
Será senhor o largo Mar dos ossos  
De meu amado esposo!
- 25 «Não vive Ulisses! Vós, Deuses, não quisestes  
Que em meus braços morresse o meu esposo,  
Que os olhos lhe cerrasse e que lhe ouvisse  
Seus últimos suspiros.
- «Nem pude ter a consolação triste  
30 De envolver o seu corpo em branco véu,

---

15. Calipso – Ninfa filha de Atlas ou do Sol e de Perseide. Vivia na ilha Ogígia, no Mediterrâneo ocidental. Albergou Ulisses quando ele naufragou, amando-o e conservando-o consigo durante dez anos.

17. O verso apresenta 11 sílabas.

19. Parca inexorável – Átropos, a terceira das divindades do Destino, que presidia à morte.

25. Este verso apresenta 11 sílabas.

De ajuntar suas cinzas numa urna,  
Banhadas de meu pranto.

«Ah, cansado, ah, pálido Laerte!  
Em vão espalhas das vítimas o sangue!

35 A morte já levou o grande Ulisses  
À região das trevas.

«E tu, ó filho, tu já não verás  
Entrar teu grande Pai neste palácio,  
Coberto de despojos, adornado

40 Da brilhante virtude».

«Vive Ulisses, lhe diz o tenro filho,  
Ainda vive; os Deuses são benignos;  
Da casta esposa, do mísero Laerte,  
Terão piedade os Deuses.

45 «Determino, expondo a própria vida,  
Em frágil nau buscar o grande Ulisses;  
Pisar terras estranhas, sofrer tudo  
Pelo amado Pai.

---

34. O verso tem 11 sílabas.

33. Laerte (Laertes) – O pai de Ulisses.

37. filho – Telémaco, que, atingindo a idade adulta, partiria em busca de Ulisses.

43. O verso tem 11 sílabas.

«O Céu assim me manda, o cão me guia;  
50 Ulisses vingará nossas injúrias;  
Inda o verás no trono, rodiado  
Dos raios da justiça.

«Tu ficas só, cercada de inimigos  
Que pretendem manchar tua pureza;  
55 Mas contra eles basta o forte escudo  
Da tua Castidade!»

---

A ode é constituída por versos brancos, agrupados em quadras em que o decassílabo alterna com o hexassílabo (v. 4).

21. *Idílio Voai, ternos suspiros*

Testemunhos impressos: *Jornal Encyclopedico*, Maio de 1789, p. 249-250 (an.) = *A* / *Collecção de Poesias Ineditas*, II, 1810, p. 166-168 (an.) = *A<sub>1</sub>* / *Composições Poeticas*, 1839, p. 32-34 (J. Anastácio da Cunha) = *B*

Testemunho manuscrito: BADE, FM, Ms. 424, f. 44r-45r = *A<sub>2</sub>*

Versão de *A*

Idílio

Voai, ternos suspiros,  
Voai nas asas do ligeiro vento;  
Ide contar a Márcia que tormento  
Sofre minha alma aqui nestes retiros.  
5            Suspiros lacrimosos,  
Enchei-lhe de piedade os seus ouvidos,  
Arrancai-lhe do peito mil gemidos;  
Dizei-lhe que cercado de agonia  
Vivo aqui nesta Selva escura e fria.  
10        Acompanhai meus ais, olhos saudosos,  
Vertei copiosas lágrimas, vertei;  
Estes amenos prados deleitosos

---

*Legenda.* Recordações de um objecto ausente *B*

2. do ligeiro vento] dos ligeiros ventos *A<sub>1</sub>* *B*

3. que tormento] que tormentos *A<sub>1</sub>* quais tormentos *B*

9. Vivo aqui] Vivo só *A<sub>2</sub>*, Selva] serra *B*

Post 9. *Em B há espaço interestrófico*

Agora humedecei.  
Ó flores delicadas,  
15 De meu saudoso pranto hoje banhadas:  
Se para vos colher,  
Alguma madrugada aqui vier  
Essa formosa Ninfa que me adora,  
Dizei-lhe que o orvalho cristalino  
20 Não é da roxa Aurora,  
É dos olhos de Ulino.  
Dizei-lhe, frescas fontes,  
Que as águas destes montes  
Vossa clara corrente não turbou,  
25 Mas que foram as lágrimas que a dor  
Dos olhos arrancou  
Ao seu fiel Pastor.  
Amantes Rouxinóis, que enterneceis  
Com vossas queixas meu aflito peito:  
30 Dizei-me, tristes aves, se fazeis  
No coração de Márcia o mesmo efeito;  
De Márcia por quem vivo, a quem adoro,  
Por quem são estas lágrimas que choro.

---

15. De meu] Do meu *B*, hoje banhadas:] rociadas! *B*

17. Alguma] Nalguma *B*

22. frescas] claras *A<sub>1</sub> B*

Post 27. *Em B há espaço interestrófico*

Post 33. *Em B há espaço interestrófico*

Mas {a}onde me detenho?  
35 Não foi este o lugar o em que gozei  
Já nos braços de Márcia mil agrados?  
Não foi entre estes álamos copados  
Que a delicada face lhe beijei?  
Não foram estes campos venturosos  
40 Que alegre já pisei com Márcia amada?  
Não foi aquela fonte prateada  
Que via os nosso prantos amorosos?  
Ah, funestas imagens, quantos ais  
Com lágrimas do peito me tirais!  
45 Guiai-me, meus cordeiros,  
Vamos buscando agora outros oiteiros,  
Onde a vida alimente  
De lágrimas, de dores, de suspiros.  
Fujamos desta horrível solidão  
50 Que tanto me atribula o coração.  
Mas ah! Que louco sou!  
Eu, triste, aonde vou?  
Sem razão, sem sentido, em ânsia tal!

---

34. {a}onde] aonde  $A_2$

35. este o lugar o em que] nestes lugares que  $A_1 B$  este lugar o em que  $A_2$

42. prantos] brincos  $A_2$

Post 50. *Em B há espaço interestrófico*

34. A métrica impõe esta aférese, pelo que acolhemos a lição de  $A_1$  e  $B$ .

Se a qualquer parte enfim aonde for,  
55 Há-de o tirano amor  
Levar consigo a causa do meu mal.

---

56. consigo] comigo  $A_2 B$

O idílio é formado por versos decassilábicos e hexassilábicos, que alternam num esquema irregular.  
A rima também não obedece a um modelo uniforme.

22. Soneto *Que fantasmas, que espectros horrorosos*

Testemunho impresso: A Arcadia Lusitana, p. 507-508 (Manuel Inácio «da Silva Alvarenga?») = *B*

Testemunho manuscrito: BA, 49-I-58 – n.º 19v (D.ª Manuel Inácio) = *A*

Versão de *A*

Que fantasmas, que espectros horrorosos  
Aparecem nas margens dilatadas  
Do claro Tejo? As Ninfas assustadas  
Se escondem pelos vales cavernosos.

5 As Musas, pelos montes pedregosos  
Correndo ao Pindo vão, como espantadas;  
Pelas serras de trevas carregadas  
Soam fúnebres versos pavorosos.

Mas aparece Apolo de repente,

---

*Legenda.* Ao mesmo assunto *B*

1. espectros] aspectos *B*

6. Correndo] Fugindo *B*, espantadas] pasmadas *B*

7. serras] selvas *B*

8. fúnebres] funestos *B*

1.-14. De acordo com Teófilo Braga, trata-se de um soneto em defesa de Domingos dos Reis Quita, que tinha sido atacado por Caetano Francisco Xavier Zuniga.

10 Da noite as sombras hórridas consome,  
Desterra o susto da medrosa gente.

Era o Zuniga, aquele pobre home,  
A quem, por mau Poeta, o Deus luzente  
Ao fado condenou de lobisome.

23. Soneto *Sobre as asas o Tempo equilibrado*

Testemunho impresso: A Arcadia Lusitana, p. 508 (Manuel Inácio «da Silva Alvarenga?»)

Ao mesmo assunto

Sobre as asas o Tempo equilibrado  
Guardando vi que estava cauteloso  
Um áureo vulto, a que olha respeitoso,  
Ficando sobre a fouce reclinado.

5 Absorto, louco, o Herói representado  
Na imagem a quem dava culto honroso,  
Castas Musas em canto sonoro  
Espalhavam seu nome venerado.

10 Quando um Zuniga cheio de vaidade,  
Procurando ofuscar tão alta glória,  
Que observou na festiva variedade;

A mísera ignorância fez notória,  
Deixando entre nós sempre a saudade,

---

1.-14. À semelhança do anterior, e segundo Teófilo Braga, este soneto foi feito para defender Domingos dos Reis Quita, que fora atacado por Zuniga.

De teus versos, Alcino, na memória.

---

14. Alcino – Alcino Micénio, pseudónimo arcádico de Quita.

**C. POEMAS COM POUCAS PROBABILIDADES**

**DE PERTENCEREM A MANUEL INÁCIO DE SOUSA**



24. Soneto *O semblante risonho e engraçado*

Testemunho impresso: Collecção de Poesias Ineditas, II, 1810, p. 12 (an.) =  $A_1$

Testemunhos manuscritos: BNL, 8610, p. 17 (Sales) =  $A$  / BNL, 8603, p. 602 =  $A_2$  / BADE, FM, 424,  
f. 27v (Francisco de Sales) =  $A_3$  / BPMP, 1129, p. 31 =  $A_4$  / BA, 50-III-48, f. 3r (an.) =  $A_5$

Versão de  $A$

O semblante risonho e engraçado

Me voltou a suavíssima alegria;

Nas cruéis mãos da hórrida agonia

O aflito coração sinto apertado.

- 5      A medonha tristeza vejo ao lado  
Fazer-me acerba e horrível companhia;  
E até sinto vogar na fantasia  
A triste imagem do meu doce estado.

- Com seu pesado braço a desventura,  
10      Descarregando em mim golpes violentos,  
Me vai levando à fria sepultura.

---

4. O aflito] O triste  $A_5$ , sinto] vejo  $A_5$

7. vogar] vagar  $A_1$   $A_5$  andar  $A_4$

8. A triste] Ó triste  $A_4$ , do meu] de meu  $A_3$ , doce] feliz  $A_2$   $A_3$   $A_4$

Que tristes, que horrorosos pensamentos!  
Eu vejo a morte involta em névoa escura,  
Mas não chego a pôr fim aos meus tormentos.

---

14. chego] chega  $A_1 A_2 A_4 A_5$ , aos meus] a meus  $A_2 A_3 A_4$

## **V. BIBLIOGRAFIA**



## A. Testemunhos impressos

BRAGA, Teófilo

1899, *A Arcadia Lusitana – Garção, Quita, Figueiredo, Diniz*, Porto, Livraria Chardron.

BRAGA, Teófilo

1918, *Recapitulação da Historia da Literatura Portuguesa – IV. Os Arcades*, Porto, Livraria Chardron.

1789, *Collecção de Obras Poeticas dos Melhores Authores*, tomo I, Porto, Officina de Antonio Alvarez Ribeiro.

1810, *Collecção de Poesias Ineditas dos Melhores Authores Portuguezes*, tomo II, Lisboa, Nova Officina de João Rodrigues Neves.

CUNHA, José Anastácio da

1839, *Composições Poeticas do Doctor Joseph Anastasio da Cunha. Colligidas pela primeira vez, e seguidas da Voz da Razão, das Epistolas de Heloise e Abailard, etc., etc.*, Lisboa, Typographia Carvalhense.

1881, *O Gremio Litterario*. Publicação quinzenal do Gremio Litterario Fayalense, 2.º ano, vol. II, n.º 28, Horta, 15 de Agosto.

1881a, *O Gremio Litterario*. Publicação quinzenal do Gremio Litterario Fayalense, 2.º ano, vol. II, n.º 33, Horta, 1 de Novembro.

1789, *Jornal Encyclopedico dedicado á Rainha Nossa Senhora e destinado para instrucção geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes*, Maio de 1789, Lisboa, Officina dos Herdeiros de Domingos Gonçalves.

1790, *Jornal Encyclopedico dedicado á Rainha Nossa Senhora, e destinado para instrucção geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes*, Fevereiro de 1790, Lisboa, Officina de Antonio Gomes.

LEÃO, Desidério Marques

1812, *Jornal Poetico, ou Collecção das melhores composições, em todo o genero, dos mais insignes poetas portuguezes, tanto impressas como ineditas, offerecidas aos amantes da nação*, Lisboa, Impressão Regia.

SILVEIRA, Pedro da (sel., pref. e notas)

1977, *Antologia de Poesia Açoriana (Do século XVIII a 1975)*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

SILVEIRA, Pedro da

1984, *Um soneto inédito do poeta Manuel Inácio de Sousa*, in «Boletim Informativo da Casa dos Açores», ano IV, 2.ª série, n.º 19, Lisboa, Março / Abril.

**B. Testemunhos manuscritos**

I. Biblioteca da Ajuda

1. Ms. 49-I-58 – n.º 19
2. Ms. 50-III-48

II. Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora

- Fundo Manizola
3. Ms. 424

III. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

4. Ms. 1521

IV. Biblioteca Mindlin (biblioteca particular de São Paulo)

5. Ms. intitulado «Flores do Parnazo», V

V. Biblioteca Nacional de Lisboa

6. Cod. 8603
7. Cod. 8608
8. Cod. 8610
9. Cod. 11491

VI. Biblioteca Pública Municipal do Porto

10. Ms. 1129
11. Ms. 1189

**C. Outros manuscritos citados**

I. Arquivo da Universidade de Coimbra

Livros de Matrículas e Livros de Actos e Graus

– Anos de 1760-1776

II. Torre do Tombo

Desembargo do Paço – Corte, Estremadura e Ilhas

– maço 31, n.º 29

– maço 279, n.º 3

Índice da Leitura de Bacharéis

– Ano de 1766, maço 41, n.º 12

**D. Ensaios com elementos para o estudo de Manuel Inácio de Sousa**

MACEDO, António Lourenço da Silveira

1881, *Doutor Manoel Ignacio de Sousa*, in «O Gremio Litterario. Publicação quinzenal do Gremio Litterario Fayalense», 2.º ano, vol. II, n.º 28, Horta, 15 de Agosto.

REBELLO, Ernesto

1887, *Notas Açorianas*, vol. III, Ponta Delgada, Typ. do Archivo dos Açores.

SILVA, Inocêncio Francisco da

1862 e 1870, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vols. VI e IX, Lisboa, Imprensa Nacional.

TOPA, Francisco

1994, *Silva Alvarenga – Contributos para a elaboração de uma edição crítica das suas obras*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

TOPA, Francisco

1995, *Manuel Inácio de Sousa – Um poeta faialense do século XVIII*, in «Boletim Cultural e Informativo da Casa dos Açores do Norte», n.º 34, Porto, Março.

TOPA, Francisco

1998, *Para uma Edição Crítica da Obra do Arcade Brasileiro Silva Alvarenga – Inventário sistemático dos seus textos e publicação de novas versões, dispersos e inéditos*, Porto, Edição do Autor.

TOPA, Francisco

2001, *Poesia Dispersa e Inédita do Setecentista Brasileiro Francisco José de Sales*, Porto, Edição do Autor.

#### **E. Edições citadas de outros poetas da época**

CIDADE, Hernâni Cidade

1930, *A Obra Poética do Dr. José Anastácio da Cunha, com um estudo sobre o anglo-germanismo nos proto-românticos portugueses*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

GARÇÃO, Pedro António Correia

1778, *Obras Poeticas*, Lisboa, Regia Officina Typografica.

QUITA, Domingos dos Reis

1781, *Obras de Domingos dos Reis Quita, chamado entre os da Arcadia Lusitana Alcino Micenio*, segunda edição correcta, e augmentada com as Obras Postumas, e Vida do Author; tomo I, Lisboa, Typografia Rollandiana.

#### **F. Dicionários**

FALCÓN MARTÍNEZ, Constantino, FERNÁNDEZ-GALIANO, Emilio e LÓPEZ MELERO, Raquel

1997, *Dicionário de Mitologia Clássica*, Lisboa, Presença.

GRIMAL, Pierre

1992<sup>2</sup>, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, coordenador da edição portuguesa: Victor Jabouille; Lisboa, Difel.

SILVA, António de Moraes

1889, *Diccionario da Lingua Portuguesa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Empreza Litteraria Fluminense.